



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

ANK, A CHAVE DA VIDA

ROGÉRIO SOARES
(AUTOR)

ANK, A CHAVE DA VIDA



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará

FORTALEZA - CEARÁ
2016

Copyright © 2016 by INESP

Coordenação Editorial

Júlia Neide Pinheiro Nogueira

Assistente Editorial

Andréa Melo

Diagramação

Mario Giffoni

Capa

Rogério Soares

Revisão

Lúcia Jacó Rocha

Coordenação de impressão

Ernandes do Carmo

Impressão e Acabamento

inesp

Edição Institucional da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

VENDA E PROMOÇÃO PESSOAL PROIBIDAS

Catalogado na Fonte por: Daniele Sousa do Nascimento CRB-3/1023

S676a Soares, Rogério.
Ank a chave da vida / Rogério Soares. – Fortaleza:
INESP, 2016.
139p.

Literatura, Ceará. I. Ceará. Assembleia Legislativa.
Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento
do Estado. II. Título.

CDDdir. 869.3

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro,
desde que citados autores e fontes.

INESP

Av. Desembargador Moreira, 2807
Ed. Senador César Cals de Oliveira, 1º andar
Dionísio Torres
CEP 60170-900 – Fortaleza - CE - Brasil
Tel: (85)3277.3701 – Fax (85)3277.3707
al.ce.gov.br/inesp
inesp@al.ce.gov.br

APRESENTAÇÃO

A Assembleia Legislativa do Ceará recebe mais uma solicitação para, por meio de seu Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp, tornar público o romance Ank, A chave da Vida, objetivando, dessa forma, despertar o hábito da leitura, um dos degraus para o crescimento intelectual do ser humano. Sempre que procurada, esta Casa do Povo é solidária e partícipe na divulgação de obras quer científicas, políticas, românticas, ou didáticas, contanto que atenda os anseios da população cearense.

Em Ank, A Chave da Vida, Rogério Soares apresenta-nos um autor possuidor de elevado espírito romântico, mostrando no desenrolar de sua obra a força, a determinação e o poder do amor. O quanto o ser humano é capaz de lutar, transpor obstáculos para conquistar o que vem traçado em seu destino.

Rogério destaca o poder de sedução da mulher que, às vezes, utiliza-se de ações ardis, no caso do seu personagem Sorrah, para manter sobre seu poder o homem tão desejado, embora sem ser correspondida.

Em Ank, a Chave da Vida, seu autor, também, fala-nos de uma perfeita união entre Luan e Hanna, de classes sociais, totalmente, diversas, porém com iguais objetivos de vida, unidos pelos laços da amizade, da fidelidade, casal esse cuja história nos mostra não haver barreiras que vençam o verdadeiro amor, remontando as influências gregas presentes na literatura brasileira.

Deputado José Albuquerque

Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

PREFÁCIO

Sempre que procurados para propiciar a divulgação da cultura no seio da população cearense, esta Secretaria da Mesa Diretora da Assembleia Legislativa, jamais, furtou-se em utilizar todos os meios necessários para atender as solicitações que nos chegam.

Conhecedores da inteligência de Rogério Soares, motivados pelo título, por demais romântico de sua obra, apressamos-nos em ler *Ank, A Chave da Vida*, cuja história desperta o interesse de todos do início ao fim. O amor verdadeiro entre Luan e Hanna, personagens centrais da trama, não permite que se pare a leitura, deixando o leitor ansioso e inquieto para chegar ao final.

E, assim, prefaciá-lo é por demais prazeroso, reconhecendo-se, também, o merecimento de seu autor e de sua profunda inspiração evidenciada em *Ank, A Chave da Vida*.

Deputado Sérgio Aguiar
Primeiro Secretário da Mesa Diretora

RESUMO

No romance Ank, A Chave da Vida,
Os personagens vivem paixões que se dilatam no tempo,
Para depois descobrir o verdadeiro amor que transcende
suas almas.

Não existe tempo para o amor,
Ele se faz éter nas melodias das eras,
Se eterniza reacendendo chamas esquecidas
Tudo sofre, suporta,
Tudo crê.

Um romance de amor e perdão,
Essência da vivência humana.
Um amor que frente a seus seixos
É rio fértil e destemido,
A se entregar caudalosamente ao seu mar.

DUNGA ODAKAM

PRÓLOGO

Os árabes têm uma tradição importante e valiosa para a História Universal: durante oito séculos lideraram o mundo, o que não se pode contestar. Mas esse fato, por vezes, ignorado, como se não houvesse ocorrido: fala-se dos gregos, dos romanos, da Europa e passa-se por cima de oitocentos anos de esplendor árabe, negando, injustamente, como muito bem acentuou Roger Garaudy, o papel da cultura árabe para o desenvolvimento da civilização europeia. Foram os árabes que transmitiram à Europa toda a cultura das civilizações anteriores a eles: egípcia, grega, indiana, persa... Os árabes assimilaram a cultura desses povos e a transmitiram: a matemática, a filosofia, a medicina, a geografia, a poesia e essencialmente o aperfeiçoamento do transporte marítimo feito nos trinta séculos de história fenícia.

("Intrépidos navegadores dotados de alto valor intelectual e alma aventureira, os Fenícios foram os mais prodigiosos marinheiros da antiguidade. (...) Os Fenícios transformaram [o mar] num traço de união e inauguraram uma política (...) de trocas pacíficas, da colaboração universal, da solidariedade humana para avançar, num esforço comum, em direção ao aprimoramento moral, espiritual e material das condições de vida. A ação fenícia se fez sentir em toda parte, em todos os povos e em todos os continentes".) (EDDE apud BAHIANA, 1980, p. 13)

As relações entre o Oriente e o Brasil não se limitam na vasta cultura transmitida por seus imigrantes. As influências são múltiplas e variadas: desde as mais superficiais derivadas da imigração, pense-se, por exemplo, nas influências incorporadas na música, arquitetura, literatura, culinária brasileira, até as profundas marcas culturais históricas, que os árabes deixaram na Península Ibérica e, por extensão, no Brasil. Além disso há fortes indícios históricos e em inscrições encontradas por todo o território brasileiro, indicando que os fenícios estiveram aqui antes dos europeus por volta de 1100 a.C.

ANK, A Chave da Vida, é um romance que por meio de uma grande história de amor, atravessa o tempo e as fronteiras, aproximando as semelhanças entre o povo brasileiro e os árabes: os dois são espirituais e sabem valorizar a amizade, a cordialidade, a harmonia das relações humanas; sabem ajudar, sacrificar-se, ser generosos. O fanatismo religioso e quem só lê as más notícias tem uma ideia extremamente deturpada do grau de civilização desses povos e a sua forte espiritualidade.

E como diz Ibrahim Nasr: O Ocidente, embora esteja tão avançado em termos de ciência e tecnologia, minimiza o lado espiritual. Ora, sem a espiritualidade, o progresso material não chega a ser autêntico progresso humano.

ANK, A Chave da Vida, livro romanceado nas origens da colonização da América do Sul, relata a lei da ação e reação onde repousam segredos milenares dos povos da terra.

ESTE LIVRO É DEDICADO A
OSCAR COSTA DE SOUZA,
SÁBIA ALMA TABAJARA.

Agradecimento especial ao amigo Dunga Odakam que colaborou para o resultado final desta obra.

Era um amor infinito...

Desses que levam para outras dimensões.

Eles se olhavam com olhares que não se encontram em toda
gente.

Com melodia, ritmo,
harmonia e expressão.

Embebidos de eternidade,
eles se beijaram...e se amaram...
e nunca mais passou o tempo.

Numa tenda, em algum lugar do Oriente, há milhares de anos atrás, duas mulheres se entreolhavam. E na pouca luz do abrigo conversavam – Tua vida se reparte como uma promessa não cumprida. Como se Elat, a deusa do mar, em prova te colocasse. Teu amante parte, e o amor que a ti foi revelado, por ser sagrado, nem por tudo esquecerás... Jamais! O tempo revelará por anos ou séculos... Um grande amor... E só tornarás a tê-lo se o amares como a própria vida. - Disse-lhe a cigana.

Os olhos de Hanna refletiam o mar do Mediterrâneo, que observavam fixos os olhos da andarilha. Hanna correu até a ponta do píer de Biblos, a cidade mais antiga do mundo, viu as caravelas partindo ao longe, deixando a Fenícia, numa tempestade rara em noite de lua cheia.

Pela manhã, Luan na proa de uma das naus, mirava o mar... Segurava um véu em suas mãos e com o olhar distante no infinito, não ligava para o alvoroço da tripulação para controlar a caravela na tempestade em meio à ventania. E num profundo silêncio interior, escreveu com a palavra do pensamento: – Naquela manhã, meus olhos perderam a luz. O tempo parou, o mar transbordou, e não havia terras para me agarrar. Sua partida levava consigo minha fé, meu amor, meu maior tesouro. Agora restava-me perseguir a sorte de um naufrago, sem destino, nas correntezas da ilusão, à procura de paz, e de luas no meio do oceano.

A nau fenícia navegou dias. E o navegante errante sem rumo e sem pressa, esperava a decisão do destino, que logo lhe transportaria a uma terra distante, para o despertar de outras viagens. Era dia, no mar calmo. O comandante da nau cigana tomava uma bebida ocre, forte e aromada com seus tripulantes para brindar a Elat, a deusa fenícia do mar, por suas vidas salvas do oceano revoltado. – O Comandante era um homem de for-

te estrutura física, descendente negro, com faces rígidas pelos raios do sol, que transmitia, em seu semblante, a calma do mar e o destemor dos marujos. Já havia percorrido várias rotas no Oriente, toda costa africana, além de outras terras até então desconhecidas.

– O que procuras? – Interpela o comandante ao mais novo viajante – Tu não pareces com nenhum de nós, que não deixou nada para trás. Dessas águas para frente está o divisor de nossas vidas, a esperança de descobrir outras terras fartas, ricas.

– A única coisa que nos difere é a certeza de que nada encontrarei – respondeu Luan. – Pois o mais precioso tesouro que existia em mim ruiu, evaporou como o calor que consome a pele no deserto.

– Tu és um felizardo, pois não consegues abandonar os teus sentimentos sinceros diante da saudade – respondeu o comandante.

Alguns remadores observavam a conversa, outros não, pois esses só acreditavam nas promessas do seu capitão, de novas terras abundantes além da costa da África, no Ocidente.

O comandante falava para Luan com um tom de voz forte e paternal – Algo te perturba, dentro de ti parece existir o sol e a chuva. Por Elat que não me deixes enganar, te vejo um guerreiro forte, mas perdido em sua batalha antes do final da guerra.

– A guerra não tem fim, nobre comandante. Dentro do coração do universo as coisas estão vivas, e sempre haverá o caos e a bonança. Em mim é que o seu sentido deixou de existir. Prefiro conviver com este silêncio, e aceitar que Elat, do meu coração, tirou a luz ainda em vida, e, assim, ter que seguir com o meu destino.

Neste instante no interior da caravela fez-se um alvoroço, ao descortinar uma clandestina. Em trajes de homem com uma adaga à mão, enfrentava alguns dos marujos que se divertiam ao cercá-la um a um, tentando agarrá-la.

– Tirem as mãos de mim! – Dizia a clandestina enfurecida. – Arrancarei os olhos daquele que se atrever a tocar-me.

E numa agilidade implacável, Luan lhe tirou a faca e a fincou do outro lado da caravela, imobilizando a incontrolada mulher.

– Calma! Calma! Qual o seu nome? Não vou lhe machucar – sussurrou Luan ao seu ouvido – Apenas não quero que ninguém lhe machuque. – E mesmo ainda resistindo, ao sentir verdade nas palavras de seu dominador, a clandestina foi acalmando-se e dirigiu-se ao capitão.

– Por Allah senhor! Chamo-me Sarah, sou uma beduína do deserto, peço-lhe apenas que me deixe seguir viagem junto a vocês. Preciso sair daquela terra e encontrar a paz, não aguento mais ver sangue, tanta desumanidade. Não quero ver mais meu povo se matando por partilharem outra forma de acreditar em Deus.

Depois de alguns minutos de silêncio, num olhar de compaixão perguntou-lhe o comandante, – Para onde você pensa que vamos?

– Não importa, apenas quero seguir. Deixe-me ir e eu poderei trabalhar para pagar minha passagem. Sei fazer o que qualquer homem aqui pode fazer.

Os remadores riram com olhar de lascívia e um deles disse-lhe – Então vamos até ali o porão, que eu quero saber se não é mentirosa. – Fez-se então uma algazarra geral.

– Chega! - grita o comandante – Você será minha camareira e tomarei conta eu mesmo para que não coloque em perigo o andamento da minha caravela e do nosso objetivo. E aviso-lhe, se me causar alguma confusão, lhe conduzirei à prancha e a transformarei em comida de tubarão, sem que nunca venha a descobrir o que há além daqueles mares do Atlântico, e o que Elat nos ofertou.

A embarcação seguiu então seu curso em ritmo coordenado, ao barulho sincopado dos remos, ao som de sua própria música. "Quando esse canto coincide com o pulsar interior de um homem, é possível tornar-se uma parte do navio, do mar, do céu, como num ato de amor".

Dias depois, em noite de lua nova, a clandestina pôs-se a contemplar o mar calmo, como se aquele azul intenso pudesse revelar as dúvidas que o destino lhe aguardava... – Luan chegou silenciosamente.

– Será que posso sentar-me ao seu lado, sem que a sua adaga me corte a garganta? – Os dois ensaiaram um sorriso. – A plenitude do mar, assim como a sua grandeza, puderam tornar-se sensivelmente menores se comparadas aos seus olhos profundos, que certamente escondem segredos – entreolharam-se. – Por que não me fala um pouco de você? Acho que lhe faria bem, vejo que está muito triste – disse Luan.

– A tristeza não é minha – responde a clandestina – mas de nosso povo que através de séculos busca a paz na guerra. Eu ainda era pequena quando vi meus pais morrerem por extremistas. Eles oravam, mas seus executores foram frios e cruéis. Só me salvei porque colhia flores nos campos. Agora quero esquecer, ir para algum lugar onde possa recomeçar, trabalhar, cultivar novos caminhos, quem sabe um dia formar uma família, com nossas raízes, mas distante dessa agonia. Nós somos a luz do deserto, o sonho, a magia, a estrela ferrada no céu de Allah, somos a sua sabedoria. E como já dizia um velho sábio – “A fé não é a crueldade estúpida da ignorância maravilhada. A fé é a consciência e a confiança do amor”.

Neste instante um redemoinho avançava no mar. Luan e Sarah o observavam. Ambos carregavam tristeza e saudade e começaram a entoar um mantra de seus ancestrais que os proporcionava calma e paz.

Ao mesmo tempo, longe milhas dali, no Vale dos Reis, onde eram enterrados faraós, rainhas e nobres no lado oeste do Rio Nilo, bem no coração do Egito, Hanna preparava-se para um ritual de despedida, em sua mastaba, túmulo reservado à nobreza. Por não mais ter Luan, seu verdadeiro amor, preferiu desistir da vida. – Estava vestida em uma túnica branca, que deixava transparecer o seu lindo corpo. Ajoelhada em um templo de mármore branco, cercada de flores, incensos e ervas de cheiro. Com sua voz terna, proclamava o seu amor eterno.

– Que Isis me perdoe nessa hora, em que meus olhos não a enxergam, que meu peito frio como as noites do deserto, não agasalham mais meu coração que se resfria e padece. Ao seu amor me entreguei, e ele é o sentido da minha vida. A vida que me revelou quando minha alma se banhou da sua. Quando minha pele ardeu em chamas ao tocar a sua, e apenas o seu sorriso abrandava o fogo. Que Isis me perdoe nessa hora, em que não sinto mais o seu cheiro, que costumava perfumar minha alma, a sua boca que beijava as minhas entranhas e que não escuto mais a sua voz, a sua música que acordava o meu anjo. Estou deixando esse corpo, mas sei que em outro tempo vou reencontra-la, e o nosso amor que ficou em algum tempo e lugar se unirá eternamente... Adeus! Alma querida... – Hanna atravessou com uma adaga, o peito, deixando a vida.

Luan, que conversava com Sarah, num sobressalto levantou-se e correu para o meio do barco. Ajoelhou-se e pressentiu o desfecho da partida de sua amada. Em seu peito, ele agora abrigava a angústia da mais irreversível separação. Olhou para o anel, elevou sua face ao céu e entoou um grito que atravessou mares e séculos.

O mundo seguiu seu curso, transformando sua história.

Séculos depois...

Imigrantes árabes recomeçaram a povoar vários estados brasileiros em busca de novas oportunidades.

Na segunda metade do século XVIII, na Província do Ceará, no Brasil, como consequência da revolução industrial e particularmente do avanço da indústria têxtil, a demanda mundial do algodão começou a crescer espontaneamente.

Em uma plantação de algodão no Vale do Acaraú, um jovem conversa com um Velho colhedor de algodão, enquanto juntava o fruto para o linho.

– Tenho muita fé que um dia terei minha própria plantação de algodão, e também o meu gado.

– Qual o seu nome garoto? – perguntou o Velho.

– Meu nome é Hadí.

– Quanto tempo você pretende ficar por aqui? – Pergunta o Velho com sábia calma.

– O suficiente para me tornar rico.

– E você acha que isso é fácil?

– Difícil é fugir do seu destino, e o meu por hora está bem aqui – responde Hadí com forte convicção.

– Você é jovem... E sonhar é bom, garoto. Dá esperança para que o coração não padeça. Mas quando se passa por essa vida, vai se vendo que somos grãos de areia na poeira do universo, e apesar de tudo que enfrentamos, do corpo só nos restará o pó.

– Há de haver mais... Há de haver mais, Velho. Não acredito que tudo não passe de um monte de ossos e carnes vagando pelo mundo. O universo está vivo e em volta dele tudo

interage. Olhe a natureza! O sol! É a força entre essas coisas que me impulsiona. Acho que tenho um vulcão dentro de mim, preciso descobrir onde é o seu centro. – Os dois riram e num gesto carinhoso, saíram abraçados por entre a plantação.

Meses depois...

À noite, na casa onde dormiam os empregados da fazenda, Hadí, em sua cama, teve um sonho onde a areia desértica, ventos uivantes e retalhos de imagens refletiam o semblante de uma linda mulher que lhe estendia a mão, mas ele não conseguia alcançá-la, quando de repente foi acordado pelo Velho. – Hadí! O patrão quer falar com você agora. – Hadí acordou atordoado com a notícia e encaminhou-se para casa grande da fazenda.

O patrão de Hadí, o Sr. Ribeiro, era um homem simples. Possuía nos olhos a luz da inteligência, da sagacidade e altivez, virtudes pertinentes aos seus ascendentes.

– Como você já sabe, disse o Sr. Ribeiro, nossa fazenda tem como filosofia: trabalhar com homens livres, estamos perto da abolição do trabalho escravo. Tenho notado seu grande esforço em todas as coisas que você se empenha aqui na fazenda, e sua capacidade de resolver problemas e de se relacionar com os outros trabalhadores.

– Faço o que posso para cumprir com minhas obrigações, sr. Ribeiro.

– Agora estou ampliando as minhas atividades, além de colher o algodão, pretendo fabricar o nosso próprio linho. As empresas coletoras americanas estão levando o nosso lucro. Para isso devo comprar toda a maquinaria para a fabricação do linho na Europa e enquanto estiver lá, gostaria de que você supervisionasse a produção da fazenda. Isso lhe trará um dinheiro extra. – Posso contar com você?

– Sr. Ribeiro, será um grande prazer poder ajudá-lo. Darei tudo de mim para não decepcioná-lo. Quanto tempo o senhor pretende ficar por lá?

– Um mês, eu acho, mas logo que eu resolva as compras estarei de volta.

Nisso, entrou na sala uma bela mulher de olhar forte, cabelos negros e longos, corpo esbelto e andar compassado de uma gazela.

Esta é Tarah, minha esposa, Sr. Hadí.

E como se o tempo houvesse parado, os dois se olharam profundamente e buscaram retomar a naturalidade antes que Ribeiro os notassem.

– Muito prazer, senhora.

– Tarah, Hadí ficará supervisionando o trabalho na fazenda, enquanto estiver fora. Quando voltar, a fábrica de tecidos se chamará "Progresso" e será a nossa nova atividade que marcará um novo tempo para nossa província.

Na casa dos empregados da fazenda, o Velho esperava Hadí, como se estivesse prevenido os acontecimentos. – Então... Chegou a sua chance – sorriu o Velho ao encontrar Hadí.

– Sei não, Velho, tenho um pressentimento estranho. Ao mesmo tempo em que estou feliz por essa oportunidade, uma coisa dentro de mim, me diz para fugir. – Eu nunca me senti assim.

– Ué! Foi você mesmo quem falou do tal vulcão, agora está na hora de começar a experimentar de suas brasas. Disse o Velho com um sorriso na face.

Na fazenda, muitos homens trabalhavam na colheita do algodão. No final da tarde, o sol caía entre o algodoal, reproduzindo uma cor de rara beleza. Certo dia, após supervisionar o trabalho dos colhedores, Hadí saudou o grande astro agradecendo seu dia, quando uma voz lhe rompeu a reverência.

– Por que você veio para cá?

Hadí num sobressalto fitou a bela mulher. – Era Tarah.

– Desculpe, não sabia que a senhora estava aí...

– Às vezes fico imaginando que tudo o que vivemos é uma continuação de outras vidas. Você acredita que podemos voltar a viver em outros corpos? – Indagou Tarah.

– Não sei, senhora, mas se eu tivesse certeza disso, compreenderia muitas coisas que mudam o rumo de nossas vidas.

– Um grande amor perdido, por exemplo? Insinuou Tarah.

Hadí disfarçou seu embaraço diante da tal indagação.

– Qual o fim de sua viagem Sr. Hadí?

– Não estou lhe entendendo senhora!

– Às vezes a gente não entende o que está a nossa frente, por ter deixado de escutar nosso coração. E o meu coração me diz que você não está aqui por acaso e que sua procura, ainda, se estenderá por muito tempo até cumprir o seu destino.

Neste momento o Velho chega até os dois, meio desconfiado, triste e interrompe o diálogo. – Desculpe senhora, mas trago más notícias. Seu marido sofreu um acidente, o navio afundou no retorno de sua viagem. Tem um moço da Companhia querendo falar com a senhora.

Tarah num breve desfalecimento é apoiada por Hadí e pelo Velho que lhe acompanha em direção à Casa Grande.

No escritório da fazenda, Tarah, ainda em luto, conversava com Hadí.

– Como você sabe, não tenho grande inclinação para os negócios. O sonho de meu marido era montar a fábrica para produzirmos o nosso próprio linho. E gostaria muito que me ajudasse a concluir seu sonho. Ele comprou toda a maquinaria que deve chegar em alguns dias e não sei o que fazer nessa hora.

– A senhora sabe que não tenho muita experiência nesse ramo, que meus conhecimentos se limitam a terra e ao fruto do algodão – respondeu Hadí.

– Tenho certeza de que meu marido confiaria em suas habilidades para essa tarefa de conduzir a fábrica, além do mais, estão vindo técnicos que ele contratou para implantação da fábrica, e realizar alguns treinamentos.

– Mais uma vez estou diante de um sentimento estranho que me persegue desde que o Sr. Ribeiro me chamou para ajudá-lo. Mas não posso deixá-la nessa hora. – Farei tudo que estiver a meu alcance, senhora.

Um ano depois, na Fábrica Progresso, como havia nominado Ribeiro, a produção cresceu a todo vapor, Hadí tinha se dedicado de corpo e alma, empenhando-se juntos aos trabalhadores na produção do linho. Tarah, que o observava cotidianamente, em seu esforço e disciplina, manda chamá-lo ao escritório da fábrica. E de um jeito sutil e carinhoso, diz-lhe: – Gostaria de lhe agradecer pelo o que tem feito por mim.

– Estou fazendo o meu trabalho. A senhora não tem que me agradecer.

– Hoje à noite vou dar um jantar na minha casa para alguns convidados e gostaria de que você os conhecesse.

Hadí com um ar surpreso enxugou o suor do rosto e olhou firmemente para Tarah. – Por que a senhora me trata com tanta fineza, diferente de seus outros empregados? – O que tenho eu para merecer toda essa gentileza?

– Confio em você, e isso me basta. – Posso contar com você hoje à noite?

– Sim, é claro – respondeu Hadí para a bela senhora.

À noite, na sala de jantar da Casa Grande, a mesa estava farta com comidas árabes e especialmente decorada com símbolos, também, de origem árabe.

Os convidados já estavam sentados à mesa quando Hadí chegou e foi surpreendido por Tarah.

– Por que a senhora não me falou de sua descendência?
– Sussurrou Hadí no ouvido da anfitriã.

– Meus pais conheceram meu marido em Omã. Quando ele me conheceu eu era muito nova, mas já muito decidida e resolvi vir para o Brasil e casar-me com Ribeiro. Não tivemos filhos, mas sua dedicação e carinho valeram por toda nossa convivência. – E voltando-se para os convidados, Tarah anunciou – senhores, quero apresentar-lhes meu novo sócio, Sr. Hadí Abdul.

Espantado com tal declaração, Hadí não sabia como se portar diante de tal surpresa. Entre olhares com sua anfitriã, Hadí foi cumprimentado um a um pelos convidados. Tarah sentou-se ao seu lado e ergueu um brinde com vinho tinto para uma homenagem ao seu novo sócio.

Mais tarde, ao final do jantar, Hadí e Tarah conversavam na varanda da casa da fazenda.

– Eu não entendo o que está se passando, parece-me que a senhora planejou o que está acontecendo comigo.

– Você é responsável pelo seu interior Hadí e ele é o leme do seu destino. Quando o vi pela primeira vez, algo me dizia que teria de fazer alguma coisa por você. Agora é você quem vai dar o rumo a sua vida.

Em Fortaleza, capital da província do Ceará, principal entreposto comercial algodoeiro do Brasil, em plena "belle époque", com seus lindos sobrados, seus primeiros automóveis, lampiões a gás, e o bonde que interligava a cidade.

Hadí elegantemente vestido conversava com alguns empresários no Café Java, para a venda da produção de seu linho, ali era ponto de encontro da sociedade de Fortaleza. – Uma voz chamou-lhe a atenção no meio dos empresários, vindo de uma moça de fisionomia que lhe era familiar.

– Parece que já nos encontramos antes, Sr. Hadí, meu nome é Sorrah.

Hadí tomava um café, quando ouvira a moça pronunciar seu nome, deixou a xícara cair manchando sua roupa de linho branco.

– Desculpe-me não quis distraí-lo – Sorrah num movimento rápido e preciso usou seu lenço para limpá-la.

– Por favor, não se preocupe senhorita, foi apenas uma lembrança que me passou pela cabeça. É como se já tivesse escutado a sua voz. Algo tão assustador por me ser tão familiar.

– Tive a mesma impressão, talvez já tenhamos nos encontrado por aí em outra ocasião. Seus olhos me revelam uma verdade forte, única, decisiva.

–Você gostaria de almoçar comigo? – Convidou Hadí – Conheço um restaurante de comida árabe, aqui perto. Poderíamos conversar mais sobre essa atração.

Os dois sorriram e num gesto de aprovação, Sorrah retomou a conversa com outros mercadores. – Instantes depois os dois desceram do bonde em direção ao restaurante. – No meio

de esfirras, kibes e káficas, Hadí e Sorrah conversavam com bastante intimidade.

– O que você faz além de comprar e vender linho? – Perguntou Hadí com certa curiosidade para a moça.

– É uma longa história que vem dos meus antepassados. Eles vieram em navios como clandestinos para o Brasil, escapando das guerras religiosas do Oriente, e acho que herdei deles, a arte da sobrevivência comprando e vendendo coisas longe da minha terra, a arma mais poderosa entre os seres humanos, o poder de negociar para sobreviver.

Impressionado com o que a moça lhe contara, lembrando de sua história como imigrante, Hadí emocionado, deixa uma lágrima lhe desenhar o rosto.

– O que houve – fala Sorrah – minha estória é tão triste assim?

– Você acredita no destino Sorrah?

– Apenas no destino do meu bolso – dizia a moça tentando arrancar-lhe um sorriso.

– Gostaria de que você viesse comigo conhecer a minha fábrica. Fica em Camocim, uma cidade portuária. Talvez possamos fechar bons negócios.

– Pelo pouco que a conheço, acho que você está me cortejando – disse Sorrah numa atmosfera de forte sensualidade.

– Não, não, não! De maneira nenhuma, apenas gostaria de a conhecer melhor – reagiu Hadí.

– Eu sei, seu bobo! Estava apenas brincando. Adoraria conhecer de onde vem seu algodão.

Os dois chegaram num barco a vapor, margeando o rio Acaraú. O manguezal contrastava com o casario ao redor do porto na pitoresca paisagem da cidade de Camocim. No cais, Tarah aguardava Hadí e não gostou da surpresa da visitante em companhia de seu sócio.

– Tarah essa é Sorrah, empresária coletora de linho, que vem visitar a fábrica e vai ficar conosco alguns dias.

– As duas cumprimentaram-se, formalmente, mas sem muitas cerimônias.

– Eu já aguardava essa visita – disse Tarah, ciente de sua premonição.

Sorrah sorriu para Hadí que lhe conduziu até o automóvel. – Na fazenda, o Velho sentado na sacada da casa dos trabalhadores observava, ao longe, a chegada dos três, que se dirigiram ao interior da casa grande.

Empolgado, Hadí dirigiu-se a Tarah – Tomei a liberdade de convidar Sorrah para hospedar-se conosco, assim poderá acompanhar melhor a nossa produção, o que achas?

Educadamente, como era de costume, Tarah solicitou a seus empregados que conduzissem as bagagens da visitante.

– Vejo que tens origem árabe, Sorrah, então te sentirás em casa, já que Hadí te contou um pouco do nosso passado.

– Falei tanto de mim que não lhe dei chance, mas não faltará oportunidade de nos conhecermos melhor – Sorrah expôs um olhar provocante, que despertou ciúmes em Tarah.

Mais tarde, ao redor da mesa de jantar, Tarah falava com o olhar fixado em Sorrah. – O que espera encontrar aqui?

Sorrah, sem nenhum embaraço, respondeu – O que sempre encontro quando procuro.

– Às vezes, a procura incansável nos traz algumas decepções – disse Tarah.

– Quando se está longe de casa, as decepções da estrada se tornam bons aprendizados – rebateu a visitante.

– Mas o caminho de volta é doloroso, quando se deixou algo a resolver no passado – retorquiu Tarah.

As duas conversavam fitando-se numa disputa inexplicável. Hadí ao perceber a animosidade, interrompeu o diálogo acirrado.

– Vocês gostariam de uma taça de vinho? É de uma safra especial.

– Vinho é sempre bom para cicatrizar corações em chagas – brincou Sorrah.

Tarah sentindo o clima hostil gerado pela visitante, falou – Se vocês me dão licença, vou me recolher, não me sinto muito bem esta noite. Hadí far-lhe-á as honras da casa.

O anfitrião levantou-se em respeito a Tarah, que se retirou sem demora.

Será que eu disse algo que a perturbou, Hadí?

– Claro que não, só temos trabalhado muito, acredito que ela esteja um pouco estafada.

Sorrah retoma seu ar encantador – Então meu querido, não desperdicemos esse vinho de tão raro sabor com tão gentil companhia.

Os dois retomaram o diálogo envolvente e um tanto sedutor, que os seguiam desde quando se encontraram, observados ao longe por Tarah, que parecia antever o que estava acontecendo.

Na varanda da casa, Hadí acendeu um charuto, tomou um gole de licor e falou num tom de serenidade para Sorrah. – Tarah tem sido uma pessoa muito especial, me deu a mão na hora em que eu mais precisava, me ensinou que a confiança é a chave para tudo. Devo muito a ela o que sou hoje, e daria minha mão para cortar, se preciso fosse, para salvar a dela.

– Calma! Calma! Estava, apenas, tentando saber o porquê de sua implicância comigo, não quero por a prova sua lealdade. – E com uma voz sedutora, sussurrou – Seria uma pena saber que seu coração já tem dono.

– Tenho de lhe confessar. Tenho estado muito sozinho durante esses anos, o meu trabalho e a minha determinação têm ocupado o meu espírito. E há muito tempo não me sinto tão bem em conversar com alguém como você.

Ao sentir a solidão de Hadí, ela pôs suas mãos em sua face e as mãos dele em sua cintura – Sua solidão acabou. Acho que você já deve ter notado que eu estou interessada em você e não posso mais disfarçar. Desde quando o vi em Fortaleza, sabia que isso podia acontecer.

E no silêncio, Sorrah beijou sua boca. Mas Hadí afastou-se de Sorrah e passou a olhar o céu brigadeiro da fazenda.

– Desculpe, não queria me precipitar, mas não pude me controlar. – Disse Sorrah aproximando-se de Hadí.

– Não... Acho que é comigo, você é encantadora, eu é que tenho algo cravado em meu coração o que me deixa às vezes confuso. Preciso descobrir o que me inquieta tanto.

– Não se preocupe, tenho paciência... e saberei o tempo certo para aguardá-lo.

Hadí aprovou a estratégia de sua dominadora com um riso terno. – Nesse momento raios e trovões anunciaram uma chuva forte que começou a cair, forçando os dois a entrarem abraçados para a casa grande e dirigirem-se para os seus quartos. – Sorrah na escrivaninha de seu quarto, escrevia uma carta para um amigo.

Caro Jorge,

Preciso de seus favores com urgência. Estou preste a acabar de vez com nossos problemas econômicos, peço-lhe que venha a Camocim como um grande empresário do algodão ao meu convite e traga-me o quanto você conseguir em dinheiro, para comprarmos uma boa produção de linho, depois lhe recompensarei em dobro. Aqui lhe darei detalhes do meu plano.

Sua querida amiga,

SORRAH

Enquanto selava o envelope, na janela do quarto, relâmpagos e trovões se confundiam com seu sorriso sarcástico .

Sete dias depois... Hadí e Tarah na varanda da fazenda, aguardavam pela chegada preanunciada de Jorge por Sorrah.

– Senhores! Este é o Sr. Jorge Fernandes de Portugal, ele comercializa o nosso linho com países da Europa e também nos países árabes.

Jorge assemelhava-se em muito a um nórdico. Tinha, por reiteradas vezes, tentado a carreira de ator, sem êxito, nas grandes companhias de teatro da Europa.

Seja bem-vindo! – Antecipou-se Hadí. – É um prazer negociar com pessoas que mantêm negócios com nossa terra natal. Estamos preparando-nos para exportar nosso algodão diretamente para o exterior, quando Sorrah nos falou do senhor. Espero que goste do nosso linho e de nossa hospitalidade.

Muito obrigado, Sr. Hadí, é um prazer conhecê-lo pessoalmente, pois sua fama já alcançou além fronteiras, principalmente, pela qualidade de seu produto. E é muito bom saber que temos algo em comum, ambos temos cá como nossa segunda pátria.

Tarah em seu habitual tom cordial – O Senhor deseja um refresco? – Acenando para um empregado.

– Sim...Sim, pois não senhora. – respondeu Jorge – Estou deveras curioso para ver sua fábrica Sorrah falou-me que se trata de produção de ponta em todo o Nordeste do Brasil.

– Gentileza de Sorrah, Sr. Jorge. Temos uma fábrica, onde nossos esforços superam as dificuldades e com grande dedicação imprimimos qualidade.

– Então vamos levá-lo para matar sua curiosidade e fecharmos um bom negócio. – Adiantou Sorrah, colocando os braços entre, Hadí e Jorge saindo em direção à fábrica, e levando o olhar de Tarah para a sua ação.

Na fábrica, enquanto Hadí dava algumas instruções aos seus operários, Sorrah conversava com Jorge particularmente. – Não esqueça de enfatizar sua vontade de levar a produção dele para a Arábia, temos que impressioná-lo, pois daqui sairá nossa independência financeira e preciso de que você use todo o seu charme charlatão para conquistar Tarah, ela é nosso único empecilho e a tiraremos de nosso caminho, se for preciso.

Jorge num tom irônico, sem sotaque português algum respondeu – Você já viu em todos esses anos seu amigo lhe decepcionar em algum momento, minha querida Sorrah? E além do mais, aquela jovem senhora não é de se jogar fora, você bem que podia dividir esse patrimônio comigo. – Os dois calaram-se rapidamente com a aproximação de Hadí.

– Vamos, sr. Jorge, temos muito que conversar – disse Hadí.

Os dois se dirigiram para o interior da fábrica, enquanto Sorrah se distraía observando o galpão da fábrica, arquitetando seu golpe, quando foi surpreendida com a presença de Tarah.

– Quando você vai embora? – Com um tom de voz seco, ela olhava direto para sua opositora.

– Ainda não terminei meus negócios com Hadí.- Respondeu Sorrah com a mesma frieza.

– Pelo que vejo está para concretizá-lo com a vinda do seu amigo.

– Parte deles, minha querida. – Num tom mais irônico, Sorrah havia se refeito da surpresa. – Parece que você não deseja minha presença aqui, mas acho que posso lhe ser muito útil no futuro.

– Nessa vida, seu futuro não difere muito do seu passado, as pessoas sempre carregam consigo o que são. Ademais, prevejo seus propósitos ocultos.

– Falando assim, acho que você já me conhece ou está tentando me intimidar?

– Eu costumo não errar sobre as pessoas. Você já ficou o bastante. Retome o seu destino. – Disse Tarah.

– Como já lhe disse, eu sempre encontro aquilo que procuro. E é melhor você não esquecer disso, nem tentar entrar no meu caminho. – Sorrah saiu, deixando Tarah observá-la com expressões de desafio.

Inquieta, Sorrah convida Jorge a um passeio a cavalo na plantação de algodão, para falar-lhe longe dos ouvidos de seus anfitriões.

– Chega! – impacienta-se Sorrah. – Acho que ela já foi longe demais. Preciso fazer alguma coisa, não vou permitir que ninguém se coloque no meu caminho. Essa mulher não vai atrapalhar os meus planos. Nem que eu...

Neste momento, Jorge puxa-lhe pelos ombros – Você não está pensando em nenhuma loucura, está? Lembre-se de que queremos apenas tirar algum dinheiro deles e isso está ficando perigoso demais.

Sorrah furiosa obtempera. – Não venha me dizer o que devo fazer, já lhe dei muitos lucros antes, e você não é nenhum santo, conheço todo o seu passado e não ouse me enfrentar. Faça exatamente o que eu mandar e não se arrependerá. Lembre-se de sua recompensa. Agora, disfarce que lá vem vindo aquele Velho abelhudo.

O Velho aproxima-se na paz de seu caminhar. – Estão perdidos?

– Não, mas será que o senhor está me seguindo? – Disse Sorrah – Parece-me demais sua preocupação comigo e já estou bastante irritada com esta situação.

– Desculpe-me, senhora, mas só estou cumprindo o que meu patrão me pediu, para não lhes deixar faltar nada.

– Pois quando eu quiser alguma coisa, eu mesmo lhe peço. Disse Sorrah. – Sem mais demora, os dois montaram em seus cavalos e saíram observados pelo olhar desconfiado do Velho.

No mesmo instante, na sala da casa grande, Hadí e Tarah tinham a sua primeira desavença.

– Acho que você já foi longe demais, Tarah. Sorrah está trazendo uma grande oportunidade de negócios com o exterior e você numa atitude infantil, me vem com essas bobagens de premonições. O mercado interno não anda bem, estão pagando muito pouco por nossa produção. Temos algumas dívidas para pagar e eu não vou permitir que percamos essa oportunidade.

– Conseguimos sobreviver até agora sem eles, Hadí. Peço-lhe que me escute, é para o seu próprio bem.

– Quem cuida das negociações sou eu, não vou permitir que suas alucinações nos tragam prejuízos.

– E com um tom de voz sensivelmente magoada, Tarah falou – Depois não me diga que eu não lhe avisei.

Sorrah e Jorge entraram na casa grande e Tarah se retirou sem palavras.

– Desculpe, senhor está com algum problema em que possamos ajudá-lo?

– Não, sr. Jorge, apenas alguns assuntos internos. Por favor, vamos até o meu escritório para fecharmos detalhes de nossas negociações.

Os dois dirigiram-se ao escritório, enquanto Sorrah olhava para Tarah com um sorriso vitorioso.

Na cozinha da casa grande, Tarah, apreensiva, mandou chamar o Velho e lhe deu algumas coordenadas.

– Peça para avisar ao comandante do barco que preciso ir a Fortaleza tomar algumas providências. Preciso saber mais sobre esses dois, com quem Hadí está negociando, eles o envolveram demais.

– A senhora está fazendo o que é certo, Hadí parece até estar cego, o que não é de sua personalidade se deixar levar assim tão facilmente.

– Então providencie tudo. Quero partir o quanto antes.

– Sim, senhora, respondeu prontamente o Velho.

Sorrah saiu por detrás de uma coluna da casa, que dava para cozinha, onde havia escutado toda a conversa, com um semblante frio e nefasto.

À noite, no cais, o Velho embarcava a bagagem de Tarah, enquanto Hadí conversava com ela.

– Por que essa viagem tão repentina Tarah? Deixe para irmos juntos na outra semana, quando levarei Sorrah e Jorge à Fortaleza.

– Preciso ir, tenho assuntos que não posso adiar-los. – E num gesto surpreendentemente carinhoso, acariciou-lhe os cabelos dizendo – Espero que você não deixe o seu destino escapar novamente. O tempo é inexorável.

– Do que você está falando? – Indagou Hadí com espanto.

– Todo esse tempo em que nos conhecemos, aprendi a conter minhas emoções, em nome de um amor que lhe espera. Você não sabe ainda a força que ele tem. É feito sonho de criança, que constrói a vida com toda sua pureza, e mais tarde, descobre no amor, que a vida vale a pena. E tudo o que lhe ocorreu durante todo o seu crescimento é apenas o mundo lhe testando se você não desistiu desse sonho. Não importa quanto tempo seja necessário. Não importa quantos dias a solidão vai machucá-lo. Se você não desistir, você estará pronto para conhecer o verdadeiro amor, imbatível amor, aquele com a mesma força da sua primeira descoberta. – Tarah beijou os lábios de Hadí e se deixou chorar, o que Hadí não havia visto nem na morte de seu finado marido, o sr. Ribeiro. – Ela entrou no barco e seguiu sem olhar para trás.

Hadí, perplexo com as palavras de Tarah, a viu partir sem conseguir falar mais nada – observando-a ao longe.

Sorrah confiante em seus arranjos para que ela não chegasse até Fortaleza, conversava com um homem próximo ao cais do porto. – Então, está tudo feito, marujo?

– Do jeito que a senhora me encomendou.

Sorrah entregou-lhe um pacote de dinheiro e falou ao seu ouvido – Suma daqui, nunca mais quero ver a sua cara por estes lados.

Depois de alguns minutos, quando o barco ainda se encontrava próximo do cais, uma grande explosão tomou conta da casa de máquinas e o fogo dominou rapidamente, em pouco tempo, naufragando, para o desespero de Hadí e do Velho que observavam o grande desastre. Desesperado, sem nada poder fazer, Hadí umedeceu a face e paralisou-se diante do inesperado.

Sorrah, com a frieza que possuem as almas escuras, observava o acontecido, sorrindo, vitoriosa pela conquista.

Dias após...

Hadí, em trajes simples e descuidados, numa birosca de estrada, enchia a cara de aguardente, juntamente com o Velho e outros empregados da fazenda.

– Escutem! Ela me ensinou coisas que nem todo homem tem a sorte de encontrar numa mulher, o respeito e a confiança em si mesmo, mesmo nas horas mais difíceis – José! Mais uma rodada, hoje nós vamos beber em memória de Tarah – dizia olhando para o dono da birosca.

– Hadí, acho que você bebeu o suficiente, é melhor irmos embora, falou o Velho.

– Você lembra da época em que colhíamos algodão e éramos as pessoas mais felizes do mundo? – Acho que esse tempo passou, Velho, esse tempo passou!

– O tempo passa e você tem de acostumar-se com suas mudanças, é como o mar, suas marés e seus mistérios. Mas algo novo sempre se descortina.

– Velho, qual o seu nome verdadeiro?

– Meu nome é Muadibe.

– Mas como você é negro com um nome árabe?

– Meus antepassados vieram do norte da África, fronteira com o Egito. Eles trabalhavam em navios que traziam pessoas do Oriente para o Brasil, em busca de novas oportunidades de vida. Alguns tiveram a sua sorte, outros, no entanto, eram descendentes de negros e assim como os africanos e os índios findaram sendo escravos ou marginalizados.

Hadí já muito tonto pelo efeito da aguardente sentiu uma sensação estranha juntamente com o vento pueril que invadira a birosca, forçando José a fechar a porta – Parece que vem mui-

ta chuva, o vento está forte, trazendo nuvens pesadas, falou o dono do boteco.

Ajudando Hadí a levantar-se, pois já se mostrava em completa embriaguez, Muadibe disse-lhe – É melhor irmos embora Hadí.

Chegou na fazenda uma ventania que levantou grande poeira em redemoinhos de areia. – Sarah ajudou Muadibe a levar Hadí para dentro, até seu quarto e logo dispensou o Velho.

– Agora eu vou cuidar de você, Hadí. Não se preocupe, não vou lhe abandonar nessa hora, ficarei com você o quanto preciso for e lhe ajudarei com a produção da fazenda enquanto você se recupera desta fatalidade.

No café da manhã, sentados à mesa da varanda, Hadí, Sorrah e Jorge conversavam.

– Desculpe-me Sr. Jorge, mas não pude lhe dar atenção esses dias.

– É completamente compreensível, Sr. Hadí, ademais, volto hoje para Fortaleza, devido aos compromissos, mas fica fechado nosso acordo de expandirmos sua produção para o exterior.

– Sim, sem dúvida, Sr. Jorge – antecipou-se Sorrah. – Gostaria de que você me deixasse a par de seus contatos com a Arábia, para que possamos ter o cuidado de produzir a tempo de envio a nossa demanda.

Jorge olhava com um ar de charlatão, admirando o bom desempenho de Sorrah, observava o grau de intimidade conquistado pela amiga junto a Hadí.

– Eu pedi a Sorrah que me ajudasse nessa negociação, pois agora não tenho muito ânimo para tal.

– É claro Sr. Hadí. – Bem, a vida me chama, tenho que partir.

Os três levantaram-se e Sorrah, tomando a frente, falou: – Pode deixar Hadí, eu acompanho Jorge até a cidade, você precisa descansar agora. – Hadí consentindo, despediu-se.

Sorrah e Jorge, a caminho do cais, conversavam – Como você teve coragem? Indagou Jorge com espanto.

– Cale a boca, todos nesta cidade miserável têm ouvidos e olhos de longo alcance. E no mais, já está feito. Aguarde notícias minhas e não mencione nada a ninguém, ou seu futuro promissor acabará no fundo das águas do cais. – E assim despediu-se – Adeus!

Sorrah observava a partida de Jorge, quando mais uma vez foi surpreendida pelo Velho Muadibe, que ao seu lado também olhava a embarcação – Estranho como tudo acontece, rapidamente, outro dia a senhora chegou aqui e nunca mais as coisas foram como eram.

Ela virou-se rápido em direção ao Velho, que permaneceu imóvel com sua visão ao longe. – O que o você quer dizer com isso, Velho? Acho melhor ficar no seu lugar, ou daqui a pouco não verá mais estes lindos campos de algodão.

– Isso é um ameaça, ou a senhora estaria pensando em comprar a fazenda?

– Espere para ver e verá, mas não demore muito para enxergar o seu lugar, escravo Muadibe!

E num gesto de desdém, que lhe era peculiar, retirou-se.

Com o passar dos dias, Hadí começou a beber demais e Sorrah passou a ter mais poder dentro da fazenda.

Muadibe encontrou seu amigo Hadí, sentado na varanda, de barba por fazer e aparentemente desanimado. – Você precisa reagir Hadí. A busca do seu vulcão interior foi interrompida.

– Minha vida parece a corrida da terra ao redor do sol, nas manhãs, costumava apontar esperança, girando com sua forte luz, mas agora, as noites invadem-me com suas sombras, solidão. – É, meu velho amigo... Estou cansado, parece que tenho centenas de anos. Com a morte de Tarah, morreu mais uma parte de mim.

– Talvez, Hadí, mas não esqueça de que seu espírito está vivo e voltará a chamar-lhe para cumprir sua jornada.

Sorrah apareceu subitamente e tomou Hadí pelo braço – Vamos, querido, agora você precisa descansar um pouco. – E deu-lhe um comprimido tranquilizante. Agora, além do álcool, tornara-se, também, dependente dos soníferos.

Ociosos e sob efeito constante dos remédios, Hadí caiu em profunda depressão, favorecendo para que Sorrah assumisse os negócios da fazenda, implantando transformações que começaram a inquietar os trabalhadores. – Em reunião no interior da fábrica, os trabalhadores, liderados por Muadibe, faziam reclamações das más condições de trabalho e solicitavam mudanças, quando de surpresa, Sorrah apareceu. – Ora...Ora! Então temos aqui uma rebelião? Quero avisar para vocês que a porta da rua é a serventia da casa. Quem não estiver satisfeito com o trabalho, não nos fará falta alguma.

Desde quando a senhora tem o direito de falar pelo patrão? – Perguntou Muadibe.

– Desde quando me tornei sócia empreendedora de Hadí. – Também quero lhe informar, Sr. Muadibe, que não precisamos mais de seus serviços a partir de hoje. Não precisamos de agitadores negros por aqui. Pode juntar suas coisas e sair antes que termine o dia.

Nisto, os trabalhadores inibidos, começaram a dispersar a reunião com receio de também perderem o emprego. Antes que todos saíssem, Muadibe encarou Sorrah e lhe dirigiu suas últimas palavras, – A verdade não pode ser ocultada por muito tempo, minha senhora. Quando ela revela seus dissimuladores, as conseqüências são devastadoras.

Sorrah de olhos bem próximos aos de Muadibe, vociferou – Fora, Velho! Eu disse fora!

E numa tarde triste, com sua costumeira humildade, o velho Muadibe deixou a fazenda.

Hadí, visivelmente, entorpecido pelo álcool e calmantes, em seu quarto, ouviu de Sorrah. – Meu querido, ele estava se aproveitando de sua ausência temporária para fazer um levante junto aos trabalhadores e como não viu espaço para sua ambição, resolveu trabalhar em outra fazenda.

– Eu não entendo, ele sempre foi tão amigo, tão fiel...

– Mas agora mostrou-nos quem ele realmente é. – Sorrah apresentando alguns documentos para Hadí, disse-lhe:

– Eu preciso de que você assine algumas procurações para que continuemos as negociações com Jorge. Eu cuidarei da exportação de nossa produção enquanto você se recupera.
– Hadí tentava ler os papéis, mas sua vista entorpecida de barbitúricos traía-lhe – Sorrah entrega-lhe a caneta e sem capacidade de discernir, ele assina os documentos.

– Não se preocupe, eu estarei ao seu lado e cuidarei de tudo enquanto você se reanima, meu amor – Sorrah aproveita-se de Hadí entorpecido, com sua completa entrega ao álcool e às drogas, retira suas roupas para forjar uma relação sexual, parte do plano para se apossar do que ele havia construído com dedicação e trabalho. Pela manhã Hadí, ao acordar, depara-se com Sorrah completamente nua ao seu lado, sem lembrar do que havia acontecido na noite anterior, levanta-se apavorado ao buscar suas roupas, enquanto ela o observa, de olhos entre abertos e com um sorriso falso e meticuloso, diz-lhe: - Que noite maravilhosa você me proporcionou querido! - Ele foge daquela cena, atônito, inconformado com a dúvida do que havia acontecido. Fogue até o banheiro e entrega-se a um choro profundo, compulsivo. Sua dor aumentara em grandes proporções, pois naquele momento estava um homem diante do espelho de seus princípios, perdido no labirinto da incerteza, da tentação e da maldade.

Dias passaram-se. Sorrah e Jorge encontram-se em Fortaleza, no Café Java.

– Então você conseguiu o que queria... O dinheiro do árabe e sua completa dominação.

– Desde quando eu não consigo o que quero, meu amigo? Alias, aqui está sua recompensa pelo brilhante papel de português. As gargalhadas, ela repassou um pacote de dinheiro – Preciso de mais um favorzinho seu, Jorge. – Preciso engravidar.

Jorge que tomava um gole de vinho, engasgou-se ao ouvir tal surpresa.

– Aquele bêbado não pode me dar um filho que preciso para selar os meus planos, você entende?

– Você está me pedindo que eu lhe faça um filho para dizer que é do árabe, Sorrah?

– Exatamente, meu caro. Podemos começar hoje mesmo, pois estou no período fértil.

Jorge, com sua corriqueira ausência de caráter, consentiu sorrindo e brindou a nova aliança com a companheira.

○ tempo impassível fizera seu papel.

Hadí, sentado na varanda, observava a criança que brincava ao redor, sem desconfiar que o menino não era seu e sim filho de Sorrah e Jorge. O rebento que lhe fez casar com Sorrah.

Com semblante indiferente, aparentava mais velho, prenunciavam-se seus primeiros cabelos brancos.

Sorrah arrumada e com bagagem pronta para viajar, não mantinha mais falsos diálogos de carinho, reclamava da indiferença de Hadí perante as coisas da fazenda. Eram evidentes os sinais das dificuldades.

– Por que você não levanta daí e me ajuda a tocar os negócios, Hadí? Tenho sempre que me preocupar com tudo. Vou a Fortaleza e de lá viajarei para Europa com Jorge, levaremos outra remessa de linho e devo demorar alguns meses... Uns dois meses, ou mais – e virando-se para a babá, disse – Traga o garoto para se despedir do seu pai – Sorrah, beijou Hadí em sua testa e indiferente se despediu – Adeus amor, cuide-se.

E assim num pôr do sol tristonho, por sob o algodoal, Hadí acompanhava com um olhar sereno, o gosto amargo do abandono. Sorrah e o filho partiam em um automóvel para não mais voltar.

Um mês depois, ciente dos graves desvios de dinheiro que Sorrah ocasionara com suas procurações, Hadí sentou-se à sua mesa do escritório e recebeu o anúncio da chegada de um oficial de justiça, comunicando-lhe sua falência, com a voz de

sentença que só os oficiais possuem – Sinto muito Sr. Hadí, o banco a partir de hoje é o novo proprietário dessa fazenda. Seus títulos de hipoteca venceram e não há mais nada a fazer. O senhor tem uma semana para deixar esta casa.

No derradeiro dia estipulado pelo Oficial de Justiça, Hadí, tomando uma xícara de café ofertada pela velha cozinheira da fazenda, que lhe emprestava ouvidos a suas reflexões.

- As mãos vazias conduziram-me até os campos de algodão, Janaina. – A velha negra o observava com seu manto maternal. – Aqui aprendi a dádiva do trabalho. O sol e o suor decorridos no meu rosto, deixaram-me marcas para dignificar os caminhos do meu dia a dia. Aqui também conheci a bondade, a amizade, o reconhecimento, a gratidão. Nos olhos verdadeiros de quem depositava no outro a mesma fé que depositava em si. Nas centelhas de cada dia recolhi conhecimentos que me levaram mais próximo a entender sobre a dedicação de um propósito. O significado do meu ideal estava bem aqui, emaranhado nos cachos de algodão... Mas as madrugadas são longas para quem se desgoverna do nascente ao seu poente. E quando achei que as crinas do mundo estavam sob meu controle... Deus veio lembrar-me que todo tempo reservado para nosso crescimento, nossa evolução, nessa e em outras vidas... Não somos, apenas estamos... E se assim é que terei que reconstruir para meu aprendizado, então com as mãos vazias sairei... Descascando-me da vaidade e do orgulho... como o fruto do algodão... ao vento do meu destino.

Antes do nascer do sol, pela mesma porteira que havia chegado como colhedor de algodão, Hadí deixava sua fazenda, com uma pequena mala, roupas feitas do seu próprio linho e com um turbante na cabeça. Estava novamente entregue ao destino dos andarilhos. – Olhou o sol. Ajoelhou-se e orou.

– “Senhor de todos os mundos;
Oh! Clemente e Misericordioso;
Oh! Soberano no Dia do Juízo;

A Ti somente adoramos;
A Ti somente imploramos;
Guia-nos pelo caminho certo;
Pelo caminho daqueles que Tu abençoaste com Teu favor;
Afasta-nos do caminho daqueles que são objetos de Tua repulsa;
Afasta-nos daqueles que
se perderam do Teu caminho;
Assim Seja!"

Com a coragem de seus ancestrais, Hadí ergueu-se e seguiu em direção ao nascente.

Depois de muito caminhar, o sol agreste, de quase meio dia, sobressaltava-lhe lembranças que lhe deixavam confuso. Uma música árabe, de ritmo forte, inebriava-lhe os sentidos. Ganidos de dor, flashes de sangue, imagens antigas, apoderavam-se de sua mente. Hadí vê então uma bela moça em suas visões no seu leito de morte. E completamente dominado pelo calor do sol e com seu pesadelo acordado, desmaiou.

À noite, num casebre próximo dali, Hadí retomou os sentidos e, ao abrir os olhos, enxergou seu velho amigo Muadibe colocando uma toalha molhada em sua testa para diminuir a febre. – Calma amigo! Você está muito fraco – E com uma cuia lhe deu para beber um chá de ervas frescas – Não pense muito agora, você só precisa descansar um pouco e retomar as forças.

– Hadí com a voz fraca, falou baixinho – Há momentos na vida da gente que até parece que o tempo parou.

– Nesses dias encontramos algumas certezas dentro das nossas incertezas, meu amigo – falou o Velho.

– Como eu estava cego... As brasas do meu vulcão acabaram queimando-me

Muadibe muda-lhe a compressa na testa – Como nos diziam os antigos, a febre avisa-nos a mazela.

– Eu tive uma visão muito estranha, Muadibe.

– Chega! Você precisa descansar, depois conversaremos sobre sua visão. O Chá far-lhe-á bem. – Acalmou o bom amigo retirando-se do quarto.

Hadí esforçou-se para retomar as visões, mas, ainda sem forças, adormeceu.

Pela manhã, Muadibe sentado em frente ao fogão à lenha, preparava um café e apertava seu cigarro de palha. Hadí aproximou-se.

– Não devias levantar agora.

– Sinto-me melhor, Muadibe. – Num gesto amigo, pôs a mão em seu ombro, olhando para o horizonte que lhe mostrava a janela. – Estamos muito longe de casa.

– Allah deu-nos este destino, e nossa casa agora é aqui – disse Muadibe.

– Por Allah eu lhe prometo, amigo, um dia levar-lhe-ei de volta.

– As promessas e os sonhos alimentam-nos, Hadí, mas só Allah pode dizer-nos o caminho. “Ama o que quiseres: um dia terá que abandoná-lo. Faz o que quiseres: receberás o equivalente àquilo que tiveres feito”.

E num gesto quase combinado, os dois amigos, com os olhos voltados na direção do nascente, oravam a primeira das cinco orações diárias.

Ao chegar da noite, a lua refletia um brilho especial. Uma fogueira aquecia os dois amigos próximos à velha casa. Hadí parecia ainda debilitado, mas conversava com Muadibe e tomava seu chá.

– Quero desculpar-me pelas injustiças causadas por Sorrah a você.

– Você não poderia evitar. O mal foi maior que sua visão para preveni-lo.

– Como poderei me retratar, meu bom amigo, para receber com humildade o seu perdão?

– Siga o seu interior, acredite no seu amor, ele lhe mostrará o caminho.

– Há visões que muito me acompanham e me deixam confuso, Muadibe.

– São avisos que os anjos nos enviam e teimamos em não escutá-los. – Entre a garganta e os seus ouvidos está a voz do seu anjo. – É preciso estar com o coração aberto para senti-lo.

– Vou tirar-nos daqui. Ouvi falar que na região de Quixadá e Quixeramobim, cidades no sertão central do Ceará, há grandes oportunidades de trabalho. Pedras valiosas que brotam do chão. Afinal, trazemos de nosso povo beduíno a tradição das minas e das tribos nômade.

– Um homem não deve desistir em seu primeiro fracasso, Hadí. Sua busca é sua energia. Se quiser vencer, terá que lutar com a terra. "Como um bom beduíno, que anda de pés nus e não descobre a cabeça; que adora a liberdade e não tem pátria fixa; não tem raízes e vive sempre em movimento; sua pátria é todo lote de terra coberta de erva fresca; quando a erva murcha, ele coloca seus utensílios sobre um camelo e vai com seu rebanho procurar outros pastos; talvez essa vida lhe dê juventude eterna e vitalidade inesgotável".

Uma semana depois... Hadí e Muadibe montados em jêgues, carregados com seus pertences, partiram para a região central do Ceará. Dias passaram-se na longa viagem do mar ao sertão. À paisagem das grandes dunas e caatingas vão se misturando as lembranças e semelhanças do deserto. – Mais uma vez, em rápidos instantes, povoava a mente de Hadí, antigas imagens. Havia uma tenda, e uma conversa entre duas mulheres. Ele podia escutar claramente a voz de uma delas, se assemelhava à voz de Tarah, mas os véus que usavam não lhe deixava ver os rostos.

A nova terra trouxera novos ânimos aos dois velhos amigos, logo começaram a trabalhar no garimpo. Dessa vez, trocaram a flor do algodão pelas pedras que brotavam do chão. Colhiam ametistas, esmeraldas, águas marinhas, cristais de rara beleza, num trabalho árduo, tal qual os Tuaregues e Moors no deserto, na velha Rota do Sal. Os dois haviam adentrado ao Povoado das Pedras. Seus habitantes se comportavam diferente, pareciam trocar suas energias com as profundezas da terra. Em retribuição lhes presenteavam, após duro trabalho, gemas de pura beleza extraída das escavações das minas. Era, sem dúvida, um povo diferente. Um misto de agricultores, mineradores e mercadores. Hadí e Muadibe logo se familiarizaram nesta comunidade formada de nordestinos brasileiros e emigrantes árabes.

A hospedaria era o local em que o povo da aldeia se reunia para comer, beber e conversar sobre o seu dia a dia.

– Tenha fé, amigo, as coisas hão de melhorar – dizia Hadí para animar Muadibe, que aparentava cansaço após uma maratona de trabalho. – Traga algo para a gente beber Adira!

Adira era filha de Mikhail e Mariam, donos da hospedaria. Era uma linda jovem, sempre simpática e brejeira. Tinha o vigor da jovialidade e o aroma da paixão à flor da pele. – Pelo visto, hoje trouxeram belas pedras. Quando você me apresentará com a mais bela ametista num colar? – Perguntou a jovem moça à Hadí.

– Olha o atrevimento, menina! – Reprendia de dentro do balcão o pai com certo aborrecimento.

– Deixe... Mikhail, Deixe! É coisa de moça que adora enfeites. – Deixe estar Adira, um dia lhe trarei a mais bela ametista encontrada em todo o Vale das Pedras. Você ficará tão linda com

ela, que o primeiro homem, quando a merecer, se encantará e para sempre será o seu amor.

A moça deixou as bebidas na mesa e saiu saltitando feito uma criança que acabara de receber a promessa eterna de felicidade.

– “A fantasia nem sempre é fantasiosa”. – Vejo que você está recuperando seu poder de persuasão, sua autoestima, amigo Hadí.

– Não sei ainda explicar o que me aconteceu no passado. Algo muito grave... Sorrah, a morte de Tarah, as coisas que me fizeram perder a fazenda, tudo isso me parece uma provação.

– Sim Hadí, e tudo tem seu tempo para a transformação. É como a velha tamareira, que demora cento e cinquenta a duzentos anos para dar seus primeiros frutos. Significa que se você plantar hoje uma tamareira, só os seus tataranetos colherão a primeira tâmara.

– Tomando um gole da aguardente, divagava Hadí – Preciso encontrar a paz.

– Você precisa voltar ao Oriente. Talvez encontre as respostas para sua dor – Acalentava Muadibe.

– Com o olhar fixo e confiante nas palavras do amigo, pedia – Você virá comigo?

– Talvez... Um velho como eu não lhe ajudará muito nessa caminhada.

– Quem disse que você vai caminhar, nós vamos é de camelo! – Brincou Hadí, descontraindo o tom grave da conversa. – Adira! Agora traga-nos mais bebida e comida, carneiro com coalhada e quibes de batata. Nossa fome é do tamanho da Arábia.

Entre as montanhas de pedra, a paisagem era imensa e cheia de enigmas. Não havia mais a leveza dos campos de algodão. Mas nas entranhas daquelas pedras, uma estranha força tomava conta de seus habitantes e os tornavam um tanto místicos. A aridez do dia dissolvia-se em noites de brisa e mistério.

Após longas jornadas de trabalho no garimpo, os descendentes árabes costumavam se reunir próximo às minas em lua cheia, para festejar a boa colheita das pedras. Nessa noite, as mulheres dançavam o "khaliji", dança de origem do Golfo Pérsico, de ritmo "saudi", com roupas típicas em vestidos bordados. Os movimentos com as mãos e cabeças envolviam todo o corpo numa festa alegre, além do bom vinho que serviam para aproximar toda a comunidade e excluïrem as suas diferenças.

Hadí, Muadibe, Mikhail, Mariam e Adira conversavam e tomavam vinho numa mesa, observando a bela dança.

– Vamos dançar, Hadí? – Exultava-se Adira –

A alegria dessa noite tão linda me faz sentir tão leve, que poderia até voar.

– Cuidado com esse voo, moça... – Brincava sua mãe. – O chão pode está próximo.

Muadibe fumava seu cigarro de palha e sorria com o atrevimento da moça para Hadí.

– Minha agilidade não alcançaria esses movimentos, menina Adira, é preciso o dom para essa arte. – Justificava-se Hadí.

Adira ensaiando movimentos de "khaliji", dizia – Não se subestime!

Mikhail interferiu na insistência da filha – Vocês estão sabendo de uma missão árabe que chegou em Quixadá? Vieram negociar com os mineiros. Estão interessados em todos os que conseguirem extrair bons quilates.

– Quando eles chegaram? – Perguntou Hadí.

– Há quatro dias. O Povoado das Pedras todo já está sabendo. – Respondeu Mikhail.

– De onde eles vieram? – Indagou Muadibe, com certa curiosidade.

– De Omã – Complementou Mikhail.

Eis que surge por trás dos bailarinos em seus ritmos contagiantes, sete homens trajados tipicamente com roupas árabes, chamando a atenção da festa. Hadí num movimento automático e peculiar de um bom negociador levantou-se e foi em direção aos conterrâneos e começou a falar em árabe com eles.

– “Ahlan we sahan wa marhaban, rushidta” – Bem vindo, esta é sua casa, esteja à vontade, fiquem em paz...

Muadibe observava ao longe o amigo. Hadí se mostrava desenvolto e bastante à vontade conversando em árabe, trocava assim informações sobre a nova terra de comércio para os visitantes e retornou a sua mesa após algumas horas de conversa com os árabes.

– Meu velho amigo Muadibe, creia! Acho que a sorte está retomando ao nosso caminho. Eles querem conhecer as minas. E pretendem levar uma boa produção de pedras para o Oriente e me convidaram para organizar a compra.

– É a sua chance de retomar o seu destino. – Sorriu o Velho.

Hadí olhou profundamente nos olhos do amigo.

No meio da festa, apareceu uma senhora de andrajos estranhos, uma velha bruxa, que morava nos arredores do Povoado das Pedras. Com trajes esfarrapados, chamou a atenção de Hadí.

– Quem é ela? – Perguntou Hadí a Mikhail.

– Diz a lenda, que ela tem milhares de anos, vinda das Amazonas nas navegações fenícias desembarcadas no Norte do Brasil há muito tempo atrás e costuma aparecer em momentos de revelações surpreendentes... Seu nome é Ariella, que significa “Leoa de Deus”, em hebraico.

Com sua voz forte e grave, Ariella tomou a atenção de todos. Seu olhar estava fixo em Hadí. Ao redor do vale, a força do vento levantou poeira e assoviou entre as montanhas de pedra.

– Não há peleja maior que a do bem e do mal. As pedras vão revelar. – Começou a falar a velha bruxa – O destino de um homem não morre como sua carne, suas ambições e seus reinados. Por entre as janelas do tempo e da alma está um ser ador-

mecido, um guerreiro ferido, onde seu sangue atravessou rios e mares em outras vidas. Para estancar sua ferida há de recuperar sua honra. E dentro da guerra interminável no interior do homem, um coração ainda sangrará para aumentar a correnteza do rio. Siga o seu leito e encontrará o caminho para aliviar sua agonia...

E no mesmo vento que antecederá sua chegada, a velha bruxa Ariella sumiu, dando gargalhadas por entre as montanhas de pedra, deixando todos surpreendidos com tal visão.

Os árabes haviam retornado ao seu país deixando um prazo de três meses para irem buscar a primeira remessa das pedras. Hadí mergulhara em seu trabalho obstinadamente, extraíndo as pedras para cumprir o trato. Mas não saía de sua cabeça as palavras da velha cigana, que alimentava o mistério. Uma força interior lhe impulsionava para o difícil trabalho nas minas.

Dias depois, dentro de uma das grutas já existente há muitos anos, Hadí conversava com um grupo de mineradores.

– Não sei se vamos conseguir entregar a tempo o que prometemos a eles, as escavações estão ficando profundas e perigosas, temos que usar mais dinamites e quero deixar a escolha de vocês para quem quiser continuar. Há perigo de desabamentos, terão sua parte do que extrairmos.

Muadibe chegou apressado e interrompeu o amigo. – Hadí, é melhor você ver o que acabamos de descobrir!

Todos correram para o interior da caverna, e tomados de grande surpresa se depararam com inscrições antigas nos dois lados das paredes em uma das salas descobertas na velha gruta. Os símbolos das inscrições exibidos correspondiam, de um lado, com caracteres do árabe antigo e desenhos egípcios e do outro, inscrições tupis em formas de desenhos, com tintas que pelo frescor e nuances que ainda grudavam, foram feitos de uma substância mineral que as tornaram quase indeléveis em sua digna beleza.

– Acho que encontramos algo tão valioso quanto as pedras que procuramos, Hadí. – Disse Muadibe. – Essas inscrições petroglíficas foram feitas por homens que sabiam escrever

e usaram os alfabetos dos povos civilizados do Mar Mediterrâneo. Existem histórias contadas pelos nativos do Povoado das Pedras que dizem sobre uma navegação transatlântica entre esses povos e o continente onde fica o Brasil, durante muitos séculos antes de Cristo. E o contato com os indígenas ocorreu para trabalharem juntos nas extrações de ouro e pedras preciosas. Dizem que aqui teria sido um desses lugares.

– Mas o que está escrito aqui, meu amigo? – Indagou Hadí. – Essa mistura de símbolos árabes com desenhos indígenas parece que contam uma história.

– Ouvi falar que em Quixadá tem um professor chamado Onélio que estuda há muito tempo este tipo de inscrições, acho que ele poderá nos ajudar.

O professor Onélio era um turco de meia idade, de cabeleira alta e frondosa, era um pesquisador fervoroso de inscrições antigas e pinturas rupestres. Apaixonado pela arqueologia e por todo o mistério e fascínio que a ciência envolve. Resolveu se estabelecer no Ceará, por acreditar que se localizava numa região muito rica em material de raro valor histórico para toda a humanidade.

Dias depois... No interior da caverna, após muitas observações e anotações, o professor Onélio conversava com Hadí e Muadibe – São caracteres com letras do alfabeto fenício e escrita demótica do Egito... Muito antigos... E parece que, combinados com os orientais e indígenas, contam uma mesma história ocorrida no Oriente...Um trágico caso de amor interrompido numa grande disputa entre os opostos.

Neste instante Hadí foi tomado por uma estranha força que o fez cair de joelhos, ao fechar os olhos, viu a bela moça de suas visões com uma adaga transpassando o peito.

Muadibe segurou o amigo que retornara do lampejo apavorado.

– Desculpe-me, professor, continue, por favor. – Hadí se soergueu, ajudado pelo Professor e Muadibe, que demonstraram preocupação com sua estranha perplexidade.

– Não está muito claro – continuou o Professor – em que época ocorreu tal história, mas havia mais pessoas envolvidas. O mal está simbolizado por um lobo, Diab, em árabe. O Bem simbolizado pela ANK, a cruz da vida, a chave, o símbolo da reencarnação. E curioso é que a história está inacabada, assim como a vida... Preciso de mais tempo para esclarecer certos caracteres, símbolos que ainda não compreendo.

O velho Muadibe com sua calma familiar disse – Claro professor, não se apresse. Interromperemos as escavações neste lado da caverna para o senhor trabalhar com calma.

Tais descobertas deixaram Hadí cada vez mais intrigado e seus sentidos mais aguçados. Agora seria perseguidor de suas lembranças, tentando fazer as ligações de suas revelações.

No outro dia pela manhã, Hadí voltou à caverna sozinho. Olhando para aqueles símbolos, sabia que ali estava a chave para a sua inquietação. Diante da figura da ANK, desenhou a cruz da vida num papel e resolveu transformá-la num anel, para que ficasse bem marcada a sua determinação de desvendar aquele enigma.

Alguns dias se passaram, os mineradores prosseguiram no objetivo de levantar a produção das pedras prometida aos árabes. Num dia de muito sol e calor, Hadí e Muadibe se refrescavam com água de coco, juntamente, com João um dos nativos do Povoado das Pedras. Com esse calor, a gente dentro dessas minas, parece inté carvão em brasa.

– Nessa hora a gente sente saudade do mar.. – Divagou Muadibe.

– E de uma bela cabocla com água de coco – acrescentou Hadí.

Todos se descontraíram. – E por falar em cabocla, nós do Povoado, vamo fazer um forrozinho com umas cantigas de viola, amanhã de noite, pra mode balançá o esqueleto e acordá a imaginação. – Emendou João, com seu modo peculiar de falar. – Os senhores são nossos convidados. E além do mais, minha cumade vai fazer um baião de dois com nata, carne-de-sol com macaxeira, acompanhado de uma cachacinha da boa! A melhor de todo sertão do Ceará.

– Que bom João! Acho que nós estamos precisando nos divertir eu pouco. Temos trabalhado muito, não é mesmo meu velho Muadibe?

– O forró dessa região é conhecido como um dos mais animados, Hadí.

– Então tá combinado – falou João. – Nós vamo esperá os senhores. Vai começá lá pelas nove horas e não tem hora pra acabá.

– Podemos levar Mikhail, Marian e Adira? –

Perguntou Muadibe.

– Podem levar quem os senhores quiserem, nossa comida é de pobre, mais botando água no feijão, sempre dá pra todo mundo. Agora é a vez do árabe prová do chamego bom – brincou João.

Era um arraial entre as casas simples dos moradores do Povoado das Pedras. Mas a naturalidade do lugar realçava as cores da alegria, refletida em cada face, em cada sorriso e na decoração modesta. Pessoas humildes, sem luxo, sem falsidade. A felicidade ali fazia sua morada.

Numa mesa bem animada estavam Hadí, Muadibe, João, Mikhail, Mirian e Adira, que vibravam com as emboladas dos violeiros e provavam da famosa cachaça da região e as famosas comidas da dona Maria, mulher de João. Nessa hora, o sanfoneiro começou a tocar os seus primeiros acordes, juntamente, com a zabumba e o triângulo num ritmo envolvente. Num só instante os casais começaram a dançar o famoso forró do nordeste brasileiro e o terreiro encheu-se daquela dança inebriante e sensual.

– Animada, falou Adira – Vamos! Vamos, Hadí, dessa vez você não escapa, ninguém vai reparar se a gente errar, é só seguir os casais e pronto, logo a gente vai estar dançando esse tal de forró.

– Vamos, rapaz, se anime, é só pisar no terreiro e sair dançando – disse Muadibe.

– Então vamos lá! – Animou-se Hadí.

A moça num grau de felicidade beijou o rosto de Hadí e segurando sua mão o conduziu até o terreiro. À medida em que o forró foi esquentando, o casal foi se soltando e na magia da dança os envolveram num clima de sensualidade e tentação. No meio do salão repleto de gente, Adira beijou Hadí, que surpreso, não encontrou forças para resistir. Depois de um longo beijo, Hadí retomou em si e afastou o corpo de Adira, que se encontrava ardente de desejos.

– Não! Não podemos, Adira.

– Não sei o que nos impede... – Dizia a moça sem deixar de fitar-lhe os olhos.

– Você não entenderia...

– Somos adultos e sabemos o que fazemos – persistiu Adira.

– Você é ainda muito jovem.

Decidida, emendou Adira – Não importa, já sei exatamente o que quero.

– Não vamos estragar nossa noite. Quero você como uma grande amiga.

– Mas quero você como homem, Hadí.

Hadí sorriu, admirado com a ousadia da moça. Ela novamente pega-o pelo braço e retoma a dança no meio do forró. Há essas horas o salão estava bastante animado. Os dois entregaram-se à sensualidade da dança que se espalhava por entre os corpos dos outros casais, entorpecidos com o erotismo daquela música simples e envolvente da sanfona, da zabumba e do triângulo.

A madrugada avançava e a festa do povoado das pedras parecia não ter fim. A alegria que aumentava com a famosa cachacinha da região que nestas horas já deixavam os casais bem mais próximos.

Hadí e Adira foram conversar encostados em um pé de caju, perto do terreiro. – Você sabe que desejo você desde a primeira vez que o vi, Hadí. Algo parecia que ia me tomando, pegando fogo por dentro, queimando o meu juízo.

Hadí sorriu com a espontaneidade da moça. – Pequena ametista linda, menina Adira... Muitas coisas aconteceram na minha vida...

– Aposto que ninguém tão linda como eu. – Faceira, a moça foi dando-lhe um beijo molhado e sereno.

Afastando-a, tentando abrandar seu fogo, Hadí diz-lhe – é claro que você é muito bonita...

– E que lhe deixa, louco, sem fôlego, não é... – Aproximando os seios com um grande decote ao peito de Hadí. – Se

deixe ficar leve, livre para amar... Afinal, o que você procura nesse mundo?

– Se eu soubesse, juro que você seria a primeira, a saber, respondeu Hadí.

– Então, me dê um beijo e esqueça do mundo, pois nesse momento ele esqueceu de você.

E Adira, mais uma vez, se atirou nos braços de Hadí e o beijou sem pudores. Neste instante, uma chuva de estrelas cadentes fez o universo chorar no céu do sertão, nessa noite onde Vênus e Baco eram os grandes anfitriões.

Domingo pela manhã, os dois amigos, Hadí e Muadibe, resolveram dar um passeio pelo Povoado das Pedras. Hadí parecia levitar. – Há dias que a gente se sente tão leve, que poderíamos nos atirar do alto daquelas montanhas e simplesmente voar.

– Precisamos, apenas, nos sentir como os pássaros, Hadí, para contrapor a fria realidade que transforma homens em seres hostis a essa fabulosa natureza.

– O que você acharia se eu lhe dissesse que estou aqui nessa vida para completar uma outra existência que me foi rompida?

– É o que revelam os seus sonhos?

– Às vezes, penso que estou ficando louco com essa minha obstinação. Acho que aquelas inscrições achadas na caverna têm alguma coisa com a minha vida. – E exibiu o anel em forma de ANK.

– Loucura, é não dá ouvidos ao que o nosso interior nos fala e vivermos uma existência, apenas, para nos reduzirmos à consumação de valores passageiros, sem dar atenção a nossa verdadeira missão.

Hadí, num ato infantil, retirou a camisa e começou a saltitar em círculos em volta do amigo. – Chega de falarmos coisas tão sérias, amigo! Hoje me sinto feliz e o dia está propício para brincar. Olhe só aqueles pássaros! Parece que estão repartindo com a gente essa felicidade e nos chamando para voar.

Avistaram um oásis entre o Vale das Pedras, Hadí puxou Muadibe que, sem resistir, cedeu as brincadeiras do amigo e se atiraram no lago como duas crianças atraídas pela água. Os

amigos se divertiam no meio da grandeza daquele lugar e na magia do nascer de um novo dia.

Ao chegarem à hospedaria, D. Mirian aprontava a louça do café. Plenos de felicidade, e ainda molhados, eles brincavam em volta da bondosa senhora que acolheu a espontânea alegria.

– Vejo que a festa do João fez muito bem a todos, vocês ainda têm energia para dançar – falou D. Mirian.

– O que é feito de bom grado é delicioso e sempre traz muita energia para as pessoas – disse Muadibe sentando-se à mesa do café.

– Precisamos repetir esse “chamego bom” do forró do João – ressaltou Hadí. – Mas sinto que preciso dormir um pouco. – E foi subindo as escadarias.

Em seu quarto, Hadí deparou-se com o inesperado. Adira, nua, estava deitada em sua cama, iluminada pelas réstias de sol que vazavam da cortina da janela. Ela o esperava com toda a malícia de uma jovem sedutora. Ardente de desejos e nenhum pudor. Atirou-se nos braços de Hadí e o envolveu com beijos e carícias, levando suas mãos, aos seus seios jovens e rígidos.

– Venha, não tenha receio, eu sei que você me deseja também, Hadí.

– Você sabe que não podemos... – argumentou Hadí.

– O que não podemos é resistir a essa paixão – sussurrou Adira em seu ouvido.

E beijou-o em tamanha volúpia, deixando completamente entregue aos seus caprichos e envolvido em seus desejos. Hadí mergulhou nos carinhos de Adira que se mostrava insaciável com o domínio de sua presa. Mas tomado, novamente, por uma força súbita, Hadí afastou a jovem de si. – Por favor, vá embora. Não posso.

Adira, surpresa com a reação de Hadí, vestiu suas roupas e deixou o quarto sem nenhuma palavra.

Hadí, atormentado, fechou os olhos e rolou na cama. E como num clarão, sua mente acendeu visões passadas. Uma mulher com uma máscara de lobo dançava para ele, tentando seduzi-lo. Ela o oferecia ópio e vinho, num cenário inexplicável em uma tenda no deserto. Não resistindo ao cansaço, ele adormeceu.

No interior da gruta, onde haviam descoberto as inscrições, o professor Onélio pesquisava em uma mesa com vários livros e anotações, tentando reunir informações para decifrar o enigma deixado pelos antepassados árabe-indígenas.

– Preciso encontrar maiores evidências nestas inscrições petroglíficas – falava o professor com a voz do pensamento. O nome do casal é Luan e Hanna. São mencionados com muita clareza, como o centro dessa história. Essa mulher, toda de preto, com vasos de barro nas mãos, simboliza a feiticeira. O Diab, uma mulher retratada com a face de um lobo, que estaria entre esse casal... Isso significa algo muito forte. Essa outra inscrição cita o “Valley of the Kings”, no Egito, o Vale dos Reis, onde eram enterrados seus grandes monarcas, a nobreza e seus familiares. Mas que ligação haverá entre eles? Os nômades beduínos, ali naquela outra inscrição, eles habitavam em tribos por entre os desertos árabes... Aqui nestes desenhos, indicam da redenção de um povo... Esses navios... Que ligações haverá entre esses fatos antepassados? A ANK, a chave da reencarnação... Por que estas inscrições vieram parar tão longe de suas origens? Algo me diz que a chave disso tudo está bem aqui, na minha frente.

Nesse momento, enquanto o professor anotava uma sequência lógica de suas descobertas, um forte vento começou a soprar dentro da caverna e os livros foram açoitados pela correnteza, deixando o professor atordoado com tal fenômeno. Uma luz forte saltou dos olhos de Diab, a mulher com face de lobo, irradiando uma força estranha que fez estremecer toda a caverna. E antes que o professor conseguisse fugir, uma laje de pedra, acima da caverna, caiu e prendeu suas pernas. As inscrições começaram a desmanchar-se na sua frente, como se algo ou alguém não permitisse tal descoberta. Com o abalo das

pedras, em poucos instantes, toda a caverna fora soterrada, levando consigo o enigma para debaixo do chão.

No silêncio da tarde de um domingo, o povoado todo ouviu o estrondo que vinha da caverna. Muadibe, que fumava seu cigarro de palha na varanda da hospedaria; João, que estava deitado em sua rede; Hadí, que dormia em seu quarto, levantaram-se num sobressalto com o estremecimento da terra e mobilizaram-se numa caravana em direção à mina.

– Rápido! – Gritava Muadibe – Precisamos fazer alguma coisa. O professor Onélio encontra-se dentro da mina, estudando as escrituras.

Enquanto corriam em direção a caverna, vislumbraram a grande poeira branca evaporada dos escombros.

Hadí, desesperado acenava – Depressa! Chamem todos os homens, precisamos abrir um caminho na entrada da mina.

A notícia espalhara-se rápido e em poucos instantes todos do povoado se encontravam num trabalho conjunto de salvamento. Homens, mulheres, crianças, tentavam num esforço imenso, livrar as pedras da entrada da caverna.

A noite foi chegando e tochas iluminavam ao redor da caverna para facilitar a visão, mas os esforços foram em vão. Quanto mais eles retiravam os escombros, mais pedras apareciam e o cansaço fatigava o ritmo dos trabalhos de salvamento.

– Sinto que seja tarde. Mesmo que o Professor tenha se salvado do desabamento, nessa hora ele não teria mais ar para respirar – alertou Muadibe.

Hadí, mesmo ouvindo as palavras do amigo, continuou retirando as pedras, desesperadamente, sem acreditar no que via.

– Hadí, é preciso encarar a realidade – disse João.

– Não! Ele está vivo! – Repetia Hadí.

–Vamos, Hadí, todos estão exaustos. Precisamos parar um pouco – reforçou Mikhail.

– Se vocês quiserem, podem parar, eu continuarei sozinho.

A madrugada chegara. Apenas Muadibe e João permaneciam no local, acompanhando Hadí. Sentados e exaustos, pensavam o que haveria de ter acontecido para enterrar meses de trabalho e o enigma daquelas inscrições sobre os escombros.

Na manhã seguinte, Hadí que passara o resto da madrugada refletindo sobre o acontecido, reagrupou os homens em volta da entrada da mina. E com a voz interior, buscou palavras para reanimar os seus companheiros.

– Há coisas difíceis de se entender. E uma delas está aqui, debaixo desses escombros. Eu aprendi com meu pai, que não se deve desistir das coisas assim tão fácil. A esperança que me trouxe até aqui sei que, também, habita no coração de cada um de vocês. Trabalhamos duro e honestamente durante todos esses meses. E acreditamos que Allah, Tupã, Deus, Oxalá... Como vocês chamarem por essa força divina que nos faz acreditar em dias melhores, não nos abandonará agora. – Por compreender que somos todos nós parte do mesmo ser divino, da mesma força geradora da vida, não desistirei agora. – Índio, branco, negro... Todo sangue é vermelho! – Dentro de nós está o bem e o mal, formadores de todas as ações que dividem a humanidade até os dias de hoje. Perdemos e perderemos muitas coisas na busca de entendermos por que existimos. Mas ganhamos e ganharemos alma nova todas as vezes que colocamos amor no que buscamos. – Eu vim de um lugar onde as dificuldades existem para milhares de pessoas e para outras, parecem que a vida já veio pronta, cheia de palácios, templos, riquezas; mas dentro de todos eles existem a mesma dúvida: Qual a sua missão? Assim, também, eu vejo que aqui nesse país tão jovem, as dificuldades são antigas como a velha luta do bem contra o mal. Precisamos acreditar agora, que tudo o que já construímos só existe porque acreditamos na vida e nela depositamos a força movedora do mundo, o amor. – O apego pela matéria faz-nos pensar que somos únicos, os melhores, indestrutíveis. E percebemos, com o passar do tempo, que nossos corpos são frágeis como papel de seda. Entre tantas guerras, tanta estupidez, tantas lutas em vão... Os poderosos viram pó como os mais simples mortais,

como todos os corpos passageiros. Mas a grande chama acesa continua para a irradiação da luz, o espírito transforma-se como uma planta, renasce em outras sementes. E dentro do corpo de cada novo ser, a busca continua para uma vida plena. Não desistiremos, não cederemos, agora nem em outro tempo, às trevas nem à escuridão.

Aquele povo escutava Hadí, com sua simplicidade e sabedoria. E numa resposta silenciosa às palavras que emanavam de seu coração, reiniciaram os trabalhos de remoção das pedras.

– Acredito que o Professor não tenha perdido sua vida em vão, Hadí. – Acalentou Muadibe, percebendo que o amigo retomara seu caminho.

– O que ele descobriu deve estar com seu espírito, mas sinto que ele não nos abandonou – respondeu Hadí.

– Vamos precisar de mais ajuda – disse João solidariamente. – Pedi que avisassem a família do Professor e que trouxessem o maior número de homens para trocarmos os turnos, já que não podemos usar explosivos.

– Obrigado João, vamos precisar de toda ajuda possível – agradeceu Hadí.

Enquanto isso, as mulheres improvisavam tendas para servirem de apoio com água e comida.

Alguns dias depois, os homens haviam chegado na sala das escrituras, onde encontraram, apenas o corpo do professor Onélio. As escrituras em fragmentos de pedras que já não davam para formar nenhuma história, mas entre as pedras, foi encontrado um livro rasgado pelo desmoronamento, mas algumas das anotações do professor estavam lá, com rabiscos em árabe e tupi, reproduções em desenhos de algumas escrituras, na tentativa de compor a história desses antepassados.

– Agora Hadí, – disse João – acho que já podemos usar os explosivos, novamente, para descobrir o restante – e entregou-lhe o livro do Professor, enquanto os homens retiravam seu corpo de dentro da mina.

– Sim João, mas tenha muito cuidado, não queremos mais nenhum desastre. – consentiu Hadí. – Mas por hoje chega. Vamos tirar o resto do dia para descansar, estamos exaustos desses dias de muito trabalho. Que Allah nos dê um bom descanso.

Nesse ínterim, por entre as tendas e a movimentação dos homens e mulheres no trabalho de remoção, apareceu a velha bruxa Ariella, a “Leoa de Deus” e avançando em direção à mina, pôs-se a falar com sua voz gutural.

– Se movem os mares e as montanhas, mas o destino do guerreiro é inevitável. O que querem lhe ocultar agora, um dia se revelará. Como as fortes águas das cachoeiras, muita luta ainda se travará. O ódio é o veneno que o homem carrega no coração e pode também envenená-lo. Serpente... Serpente... – Para clarear a visão, o guerreiro tornará a voltar no tempo... As lembranças o iluminarão, informarão o caminho...

E da mesma forma que surgiu, a velha bruxa Ariella desapareceu, deixando todos, ainda, mais intrigados com suas revelações.

– Onde posso encontrá-la, Diga-me? – Pedia Hadí.

– Não sabemos ao certo, dizem que ela mora no topo da grande pedra em forma de ave – respondeu João.

– Fica em Quixadá – completou o Velho.

– Quero ir até lá preciso falar com essa mulher.

– Dizem que não podemos encontrar, quando quer é ela quem nos encontra – desanimou João.

– Se ela pode me encontrar, eu também poderei visitá-la – desafiou Hadí.

No final da tarde, os moradores da aldeia partiram numa caravana em ritmo compassado e triste. Em direção ao povoado, levavam o corpo do Professor dentro de uma rede, cantavam lamentos, como faziam os antigos índios da região.

Mais tarde, em seu quarto, Hadí folheava o livro de anotações do professor Onélio, na tentativa de unir os escritos retalhados, quando bateram em sua porta.

– Posso entrar? – Era Muadibe com o desejo de confortar o amigo.

– Sim, a porta está aberta.

– Não se culpe. O que acontece em sua volta não necessariamente depende de sua vontade, Hadí.

– Enquanto Hadí olhava para o anel com o símbolo da ANK, disse: – Minha intuição me diz que agora devo partir, não há por que esperar.

– Vá ver a bruxa Ariella, talvez ela lhe dê mais detalhes desse caminho, que só você deverá desvendá-lo – incentivou o velho amigo.

– Às vezes somos tão sós... Muadibe.

– A solidão é a busca de encontrar a quem jamais nos abandonou... O verdadeiro amor. Ele se disfarça algumas vezes e nos deixa sem direção. Mas se acreditarmos que existimos unicamente para amarmos, incondicionalmente, então esqueceremos a dor, a ansiedade, dando lugar à fé e a coragem. E ele virá com seu brilho maior, sua força extraordinária, com sua mão que transforma, carinhosa e acalentadora.

– Tenho com você uma dívida, amigo. Sempre em horas difíceis, você me vem com palavras sábias e honestas.

– Não há dívida entre verdadeiros amigos, Hadí.

– Com a retomada das explorações das minas, em pouco tempo, vocês terão a produção combinada para enviarem aos árabes. O que você fará daí para frente, Muadibe?

– Viver o que me cabe.

– Você virá comigo?

– Eu estarei com você em espírito, amigo... Por onde você for.

E num abraço fraterno, os dois calaram-se.

Ao nascer do sol, depois da primeira oração do dia, Hadí selou seu cavalo, com mantimentos para uma grande viagem. Seus amigos do Vale das Pedras, silenciosamente, despediram-

-se, vendo partir um homem bom, que um dia cruzara suas vidas.

– Leve com você esta adaga. Trago-a comigo há muito tempo, pertencia aos meus ancestrais, você poderá precisar... Adeus amigo, que Allah lhe proteja. – Desejou o velho Muadibe ao amigo.

Hadí colocou a adaga na cintura, pôs um turbante e se dirigiu à pedra em forma de ave. Seu destino agora era encontrar a velha bruxa na montanha de Quixadá. Galopou em velocidade deixando o Vale das Pedras.

O crepúsculo, ainda, ofertava uma réstia de luz. Ao se aproximar da grande pedra com forma de uma galinha chocando, uma ventania enlaçou-o numa grande poeira, naquele cenário desértico. Hadí começou a subir a montanha. Depois de uma grande escalada, avistou uma velha choupana, no alto da pedra, onde estava Ariella sentada na varanda. Estava no chão, com duas cumbucas de barro a sua frente, como se já esperasse o visitante. A casa era feita de taipa, com quase nada de mobília, uma rede armada no meio da sala, um fogão a lenha e algumas painéis de barro cru. A fumaça da lenha e das ervas ao fogo, aromatizava o ambiente.

Ariella, ao avistar Hadí, falou com sua voz rouca, mas delicada e branda, diferente de suas aparições anteriores – Sente-se, tome um pouco de chá.

Hadí sem hesitar sentou-se à sua frente e sedento da caminhada, tomou o chá de ervas que a velha bruxa o preparou.

– Deveríamos nos encontrar e chegou a hora. – Disse Ariella olhando profundamente para os seus olhos.

– Por que eu?

– Não escolhemos, somos apenas escolhidos, Hadí.

– Como devo me preparar para trilhar o caminho?

– Primeiro saber como seus inimigos são armados.

– De que tenho que me guardar?

– Da cobiça, da inveja e da ira.

– De quem?

– O homem que procura o caminho, deverá enxergar primeiro em suas próprias pegadas... O que fez no passado e só assim alcançará com seus passos o destino futuro.

– Mas por onde devo começar?

– Por onde nunca terminou. O fim é o início, o início é o fim. Atravessando o caminho de volta do que fizeram seus antepassados, encontrará a porta do tempo que foi rompida, onde o amor foi separado. E depois do trajeto, enxergará a criação e como são as criaturas, as forças do bem com a peleja do mal. Em toda a caminhada deve prestar atenção que sentido tomar. Os árabes deixaram aqui um caminho, do Saara ao Ceará. É para ele que deve voltar. Na terra com o nome de Tutoia; no Delta do Parnaíba; na ilha das inscrições, no Marajó. Onde andaram as mulheres guerreiras, no alto Amazonas e de encontro às águas profundas, no rio do Rei Salomão ao Vale dos Reis. Mas lembre-se! O fim será o início...

– O que tudo isso tem haver com minhas alucinações?

– Os sonhos mostram verdades ocultas, às vezes mensagens de outras vidas passadas. Deves retomar aos princípios dos antigos beduínos: a coragem, a generosidade e a lealdade tribal. Isso lhe levará a sua missão.

– E o que vou encontrar?

– O seu destino...

E recitando em voz alta, a "Leoa de Deus" retomou sua habitual forma de profetizar – "A morte pode esquecê-lo hoje, mas não o esquecerá sempre. Para o Altíssimo, não existem nem planícies, nem montanhas. Tudo é nivelado e nenhum homem é pequeno e nenhum é tão importante. E nunca se viu rei, império, ou profeta desafiar a lei da morte e sobreviver indefinidamente".

– Quando devo partir?

– Já. O caminho está onde sempre esteve.

E num gesto de quem já havia esgotado o seu tempo de conversa com o visitante, Ariella levantou-se e dirigiu-se para o interior da casa e fechou a porta. – Uma ventania assoviou um canto triste, como alguém que chora no caminho da tristeza.

Hadí agora saberia que seria inevitável resistir às evidências. Ele agora estaria numa grande viagem de volta, onde tudo começou, onde as respostas que buscava em toda a sua vida estariam junto à chave do seu enigma.

Determinado a cumprir o seu destino, Hadí montou seu cavalo e iniciou a viagem em busca do seu passado. Agora seu roteiro estaria guiado. Forças maiores o levariam aos lugares marcados que lhe apontariam o caminho.

Depois de vários dias enfrentando o sol quente no sertão do nordeste brasileiro, o qual sua geografia, em alguns lugares, lembra o Saara, Hadí chegou à cidade do nome derivado de Troia, Tutoia no Maranhão, região com grandes influências da cultura africana.

Era noite, e ao entrar na cidade, ele escutou o som dos tambores de crioulo. Pontos cantados pela magia, mantras verbalizados em dialetos africanos, aromas de ervas, tabaco e mafofo que conduziram a um culto de umbanda, onde moradores da cidade se confraternizavam em ritos espirituais.

Hadí desceu do cavalo e sentou-se ao lado dos habitantes do lugar, na maioria negros. O templo era iluminado por velas. Ao centro, uma entidade dos orixás denominada Preto Velho, Mestre da Estrela Azulada, entidade "travestido" de escravo velho, que transmitia humildade, tolerância, paciência, castidade e sapiência. O Preto Velho fumava um cachimbo e falava em voz grave e branda, enquanto era amparado pelo som dos tambores e símbolos da umbanda.

– Chamem o árabe. – O Preto Velho falou e todos olharam para Hadí, que surpreso, levantou-se em direção ao centro do terreiro. – Então o Preto Velho desandou a falar.

– Eu sei porque ocê tá aqui. Seus guia me mandaram. Sua estrada é longa, mas ocê é um guerreiro forte. Precisará de muita força para enfrentar o que virá. Seus antepassados deixaram muitas marcas em nosso chão. De um povo sábio, forte, mas cheio de guerras e sangue também.

– Por que eu, Preto Velho?

– Seu coração foi escolhido para abrigar a força reveladora de Oxalá, a quem ocê chama de Allah, outros de Tupã,

Orixalá, outros Buda ou Jeová... "Deus não tem religião", meu fio, "No mundo da essência, todos os caminhos levam a Deus". Muitos brigaram, brigam e se matam em nome Dele. Mas Dele é o domínio de tudo, independente de raça ou fronteira. E não há lugar que haja paz enquanto os mortais tomarem de suas palavras e transformarem em armas de guerra, suas cobiças, vaidades, invejas.

– Mas sou apenas um mortal atormentado pelos sonhos do passado. O que isso tem haver comigo?

– Você provou de muitas cousas, que poderia ter roubado os seus sonhos. Os sonhos vêm das janelas da alma, dos oios dos menino. Mas seu coração, além da maldade que lhe causaram, permaneceu puro como a água da cachoeira. Através do grande rio, você voltará para remendar o seu passado. Não tema o desconhecido, nem o teu inimigo. Nosso inimigo tá dentro de nós mesmo. Quando tudo lhe parecer estranho, siga a sua intuição, escute o seu coração, ele será seu melhor amigo. Siga até o Marajó como lhe disse a velha bruxa, de lá você continuará o seu caminho. Agora vá meu fio.

A entidade deu uma baforada de cachimbo em Hadí, colocando-lhe uma guia em seu pescoço e o benzeu. Os tambores tocaram mais fortes num rito de encerramento, eram cantos e preces de agradecimento a Oxalá pela gira recebida. Hadí, meio tonto e cansado, foi conduzido por umas senhoras negras de turbantes na cabeça, até uma cabana ao fundo do terreiro, para descansar antes de prosseguir a sua viagem.

Pela manhã, ao sair da casa, não havia mais ninguém no terreiro, apenas algumas frutas deixadas numa cesta em frente à cabana. Ele recolheu as frutas, montou em seu cavalo e rumou em destino a Ilha do Marajó.

Abandonando a paisagem árida do sertão e seguindo a direção indicada. Hadí agora percorreria entre os Lençóis Maranhenses e o Delta do Parnaíba na deslumbrante paisagem entre os lagoas e dunas no litoral do Maranhão. Alguma força lhe impulsionava, o desânimo ficara para trás. Ele só tinha em mente percorrer o caminho que lhe trouxesse a paz.

Após um longo banho em uma das lagoas, Hadí desfrutou de uma boa refeição à base de camarão e peixe. Resolveu armar sua tenda à beira do lago e retirou do alforje o que sobrou das anotações do professor Onélio, na tentativa de decifrá-las.

A noite chegou. O céu em lua crescente e com a estrela mais brilhante, lhe remeteu a uma profunda saudade. Ele olhava para o anel com o signo da ANK e os sentimentos lhe dominavam por completo. O silêncio do Universo se transformava numa música que só ele poderia ouvir. Era uma música suave, orquestrada pelo vento e tocada pela imensa natureza ao seu redor. Hadí deitou nos lençóis de areia, fechou os olhos e começou a ver imagens da bela mulher que sempre o acompanhava em suas visões. Ela mantinha um véu branco, deixando apenas seus lindos olhos penetrarem sua alma. E num transe suave e feliz, adormeceu.

O sol estendia seus raios entre os espelhos d'água, enquanto Hadí preparava-se para seguir viagem. Checava o mapa para cavalgar em direção a ilha das inscrições. Muitos dias de viagem se passaram. Sol ou chuva, nada desanimava o guerreiro na sua solitária viagem à procura de seu objetivo.

Às margens do Rio Tocantins, no Pará, Hadí tomara uma embarcação para chegar na Ilha do Marajó, onde deveria procurar um famoso antropólogo e historiador, chamado Emílio, citado pelo professor Onélio, como um grande pesquisador que há muito estudava inscrições antigas extraídas da Ilha, assim como a flora e a fauna da região Amazônica.

O inverno chegara, época de maior precipitação pluviométrica. Dois terços da ilha ficaram completamente alagados. No lado oriental, predominam os campos e no lado ocidental as florestas. Hadí teria que se acostumar rapidamente a uma nova realidade, pois estava em Marajó, o maior arquipélago fúlvio-marítimo do planeta. Teria agora que abandonar o seu cavalo e passar a se locomover em embarcações entre rios e igarapés. Como um bom comerciante árabe, vendera o seu cavalo e adquiriu um barco para continuar à procura do cientista. Em pouco tempo, Hadí percebera a dimensão e a riqueza diversificada deste país. Na Ilha, a agricultura era farta, assim como a pecuária, com a criação de búfalos. Depois de muito procurar pelo pesquisador, encontrara numa fazenda de búfalos um libanês de nome Samuel, que lhe dera pousada e comida.

– Estou muito impressionado com a riqueza deste lugar – dizia Hadí a Samuel.

– Assim também fiquei, meu caro, quando há vinte anos cheguei aqui com a minha mulher.

– Como você veio parar aqui, Samuel?

– Como os inúmeros árabes que moram neste país, posuo uma longa história para contar. – E o que lhe traz aqui?

– Estou procurando um antropólogo chamado Emílio.

– Emílio de que? – indagou Samuel.

– Não sei o seu sobrenome.

– Você é um desses cientistas que gasta seus dias escavando o chão?

– Não... – Sorriu Hadí. – Quero encontrá-lo para resolver alguns assuntos.

– Bem! Amanhã vou ver se encontro alguma notícia dele para você. Hoje você dorme aqui conosco. Vou pedir minha mulher para preparar um bom churrasco de búfalo, pois não é todo dia que se recebe um árabe por estas bandas.

– Fico muito grato com sua hospitalidade, Samuel, não sei como poderei lhe retribuir.

– Não se incomode, Hadí, o mundo é redondo e a gente pode tornar a nos encontrar, não é mesmo? – Safira! Traga uma boa aguardente para o nosso visitante, ele deve estar com uma sede daquelas.

Safira, uma senhora de pele morena e de fisionomia serena, entra na sala com uma jarra marajoara e serviu ao visitante.

– Obrigado senhora. Muito prazer em conhecê-la, meu nome é Hadí.

– O senhor deve querer tomar um banho. Já lhe preparei toalhas limpas e o quarto de hóspedes fica, ali, no final do corredor.

– É nosso costume receber muito bem nossos convidados, Hadí, pois este país nos deu o que em nossa terra não tínhamos.

– Eu entendo, Samuel.

– Nós trabalhamos muito para chegar até aqui. Mas sabemos que muitos dos nossos, ainda sofrem em muitos países e até em nossa própria terra natal.

– Com tanta terra ociosa nesse mundo, eu não entendo como alguém não pode ter o seu quinhão para plantar alguma coisa, disse Hadí.

– Como o senhor resolveu criar búfalos? – interpelou Hadí.

– Simples, trouxe para região o que eles não tinham e troquei por búfalos.

– Muito inteligente de sua parte.

Vaidoso pelo elogio, Samuel continuou – Um homem da tribo dos Assares chegou a Maomé e disse-lhe: “– Sou filho de

uma família pobre, que tem fome. Procurei-o para pedir socorro. Maomé deu-lhe dois *dirhams* e disse-lhe: – Com um, compra víveres para tua gente; e com outro, um machado para cortar lenha". – Aprendemos cedo que devemos cortar a nossa própria lenha.

– Meu pai dizia – "Comemos aquilo que plantamos". – Lembrou Hadí.

– A conversa está boa, mas é melhor vocês tomarem banho, pois logo o jantar será servido. – Safira aponta para mesa que estava sendo preparada para o jantar.

Obedecendo a senhora, os dois retiraram-se e logo retornaram para uma boa e farta ceia. Na mesa, Samuel, Safira, Saul, seu filho mais velho e o pequeno José.

– Estes são meus filhos Saul e José. Sente-se Hadí, vamos agradecer esta comida de hoje.

Depois da oração e da boa ceia, todos se reuniram na varanda da fazenda para conhecerem melhor o visitante.

– Esse ambiente me parece familiar. Eu tive uma fazenda de algodão no Ceará.

– E por que você a deixou? – Perguntou o anfitrião.

– Essa também é uma longa história – respondeu Hadí.

– Meu pai me disse que o senhor está procurando pelo antropólogo e historiador, Dr. Emílio? – Falou Saul.

– Sim! Você pode me ajudar?

– Acho que sim. Ouvei falar que ele estava fazendo uma nova escavação no meio da floresta Amazônica, numa gruta chamada Gavião. Ele está morando numa casa próximo à gruta.

Hadí mudou o tom da conversa, com total interesse e perguntou com empolgação. – Fica muito longe daqui?

– Dois dias de barco – respondeu Saul.

– Será que você poderia fazer um mapa do lugar?

– Você quer muito encontrar o tal pesquisador, não é? – Indagou Samuel. – Amanhã vamos preparar sua embarcação e Saul irá lhe guiar até a casa dele.

– Não sei como poderei lhe pagar, Samuel.

Como era peculiar dos árabes recitar seus provérbios, Samuel respondeu-lhe com mais um.

– O cantor Ibrahim cantou certa vez para o califa Ar-Rachid. Disse-lhe o Califa: “– Foste excelente. Que Deus te pague!” – Respondeu o cantor: “Quando Deus me paga, oh! Califa de Deus é por teu intermédio”. – Foi gratificado com cem mil *dirhams*. – Todos riram descontraindo a conversa.

– Mãe, diga-nos um provérbio – dirigiu-se Saul a Safira. Como era de costume naquela família após o jantar, trocaram conversas e ensinamentos, ela respondeu – “Perguntei um dia ao meu Deus: – Onde estás? Ele Respondeu-me: Onde estás tu?” – Um silêncio fez-se presente.

O pequeno José olhando para mãe, pediu consentimento para dizer o seu provérbio, Safira maternalmente concedeu-lhe. – Um menino queria testar um velho sábio, e falou para um amigo: – “ Vou provar para todo mundo que ele não é sábio – Pegou um passarinho nas mãos e falou para o amigo: – Vou por o passarinho atrás e perguntar para ele se o passarinho está vivo ou se está morto; se ele falar que está morto eu mostro o passarinho vivo; se ele falar que está vivo, eu esmago o passarinho e ele vai errar de qualquer jeito. – Chegou para o sábio e perguntou: – Sr. sábio, o passarinho que eu tenho aqui atrás está morto ou está vivo? – E o sábio respondeu: – A vida... está em suas mãos!”

– Esse parece ser o melhor da noite – falou Safira – agora acho bom nos recolhermos, pois amanhã o Sr. Hadí e Saul farão um bom percurso para encontrar o tal pesquisador e precisam estar dispostos.

Pela manhã, o orvalho cintilava as vitórias-régias por entre o rio que margeava a fazenda de Samuel. Araras sobrevoavam livremente o céu. Micos-leões-dourados brincavam por entre as enormes árvores ribeirinhas. O espetáculo da natureza repetia-se como uma oração silenciosa de Tupã, num lindo ama-

nhecer, e enchia os olhos de Hadí, que descia o rio em direção ao lado ocidental da floresta Amazônica, acompanhado de Saul.

Após dias de viagem, eles aportaram num lugarejo, onde foi recebido por caboclos da região, que o ajudaram a atracar o barco. Saul, com a intimidade de ter nascido na região, conversou com os nativos indagando pelo pesquisador.

– Estamos com sorte, Sr. Hadí, ele está em casa. Fica a uns dois quilômetros daqui.

– Que bom, Saul! Estou ansioso para conhecê-lo.

Os dois caminharam guiados por um dos nativos da região. Em uma casa acolhedora, dentro da floresta, morava Emílio. Um homem de aproximadamente cinquenta anos, tinha uma barba longa e bem aparada, bigodes afiados para os lados e de uma simpatia singular. Vivera os últimos dez anos nessa casa, que servia de base de pesquisas e armazenamento de todas as peças extraídas de suas explorações. Idealista, acreditava na humanidade e amava a Amazônia. Fora lá para pesquisar seus recursos naturais: a flora, a fauna, as peças arqueológicas, os grupos indígenas, a geografia e a história da região.

O nativo acenou para Emílio, que estava sentado na varanda da casa e logo se levantou para vir receber os visitantes.

– Muito prazer, senhores! Sou Emílio. A que devo tão grata visita?

– Meu nome é Hadí e esse é Saul. Venho indicado por um amigo seu, o professor Onélio.

Emílio sem saber de sua morte, indaga sorridente. – Sim claro! Como está o meu grande amigo?

– Sinto informá-lo que ele faleceu em uma de suas pesquisas numa mina no Ceará, e é justamente isso que me traz aqui.

Emílio deixou escapar um ar de tristeza, mas logo retomou sua fisionomia costumeira, pois acreditava que a morte era apenas uma passagem por onde todos evoluem da vida.

– Vamos entrando! Nosso barraco é simples, mas sintam-se em casa.

– Obrigado! – Disse Hadí.

Emílio pediu seu ajudante, Tupy, para se juntar ao grupo. Sábio índio da região Amazônica preservara os ensinamentos de seus ancestrais com informações valiosas repassadas através de gerações, revelações essas, que surpreenderiam até os colonizadores das Américas em busca somente de suas riquezas materiais.

– Muito bem... Sei que o senhor está ansioso para me fazer algumas perguntas, mas primeiro me conte o que o professor Onélio estava pesquisando e, assim, eu lhe poderei ser útil.

Hadí contou detalhadamente a sua história, por noite adentro. O pesquisador escutou atentamente, enquanto fez algumas anotações, sem ainda ter visto as inscrições registradas pelo professor Onélio.

Depois de avaliar atentamente o relato de Hadí, Emílio recorreu a sua vasta biblioteca com centenas de livros muito bem catalogados, os quais colecionava durante anos de estudo. Retirou alguns livros, numa precisão cirúrgica, para o melhor entendimento dos seus visitantes começou a lê-los pausadamente. – Para vocês começarem a entender a correlação do mundo do Oriente com Ocidente, precisamente com o Brasil, vou lhes relatar alguns fatos históricos pesquisados por grandes estudiosos neste assunto. O passado tem sua confluência no futuro, e só os que prestam atenção ao movimento secreto do tempo, sabem recontar a história. – Os sinais e as constatações comprobatórias da passagem dos fenícios pelo Brasil vão das primeiras embarcações ao Norte e Nordeste e logo depois a exploração do interior brasileiro. – E pôs-se a ler: “Diodoro, um escritor grego nascido na Sicília, no seu quinto livro da História Universal, já falava da primeira viagem duma frota fenícia, que viajava da costa da África, perto de Dacar, e atravessou o Oceano Atlântico, rumo ao sudoeste. – Os Fenícios viajavam na mesma rota no oceano em que se aproveitou Pedro Álvares Cabral para alcançar a costa brasileira. Baseado nas pesquisas cronológicas situa-se essas primeiras viagens em 1100 a.C. – Diodoro

era grego e não era lá muito amigo dos fenícios e cartagineses, mas reconhecia o valor dos fenícios para a civilização das nações. Portanto ele não seria capaz de inventar tais viagens transatlânticas, de forma leviana".

Todos escutavam atentos e curiosos às palavras do pesquisador.

– “Os Fenícios estabeleceram-se nas margens orientais do mediterrâneo, na fina e fértil faixa situada entre o mar e os Montes Líbano e Antilíbano. Biblos, Sidon e Tiro foram sucessivamente capitais de um império comercial de cidades unidas antes por interesses, costumes e religião do que uma estrutura política mais rígida. Biblos é considerada uma das cidades mais antigas do mundo. – A pequenez de seu território, a presença de vizinhos poderosos e a existência de muita madeira de cedro, boa para construção naval, parecem ter sido fatores diferenciados que orientaram a civilização fenícia para o mar. Eles eram hábeis na navegação. Construíram seus “carpassios”, navios de longo curso, para alcançarem lugares que outras civilizações apenas imaginavam.”

– Eles estiveram aqui na Amazônia? – Perguntou Saul fascinado pelas explicações de Emílio, que manuseava seus livros indicando a correlação dos estudos publicados.

– “Enquanto os europeus gastaram mais de cem anos para explorar a costa brasileira, os Fenícios fizeram suas operações com mais rapidez em poucas décadas por todo o litoral brasileiro, incluindo o Rio Amazonas, que o chamavam de ‘Rio do Mar do Norte’. Há evidências de que a chegada das guerreiras amazonas ao Brasil tenha sido obra dos fenícios. O nome Amazonas, batizada para toda a bacia inferior do grande rio, abrange toda região entre os rios Xingu e Parintins. A história das amazonas vem muito antes do confronto de Aquiles, o primeiro herói grego com a rainha amazonas. Depois de uma grande enchente que destruiu a cidade de Haspera, lugar de origem das amazonas, a rainha Mirna e as guerreiras sobreviventes entraram com seus exércitos em várias cidades do mundo, até chegar Sidon e Tiro, na Fenícia, onde os reis locais lhes ofereceram paz, amizade, descanso, víveres, e ali ficaram por

muito tempo. Os fenícios então convidaram as amazonas para participar da colonização da Nova Canaã, descoberta por eles no Oceano Atlântico".

Era muito curioso o que o pesquisador relatava, pensava Hadí, havia muito mistério e precisão histórica em seus relatos.

Emílio parecia mais empolgado e envolvido a cada paragrafo que lia. – "Na Armênia, onde as Amazonas também habitaram, existia um lago com uma ilha chamada de Faro, onde foi sepultada a rainha Mirna, para lembrar sua cidade natal, Haspera. As Amazonas fundaram no baixo Amazonas uma cidade também denominada Faro, e lá, até hoje existe um lago e seu antigo templo escondido no meio de uma pequena ilha."

– E quanto tempo os fenícios ficaram aqui? – Perguntou Hadí, que observava a habilidade do pesquisador na identificação de cada livro e respostas para as dúvidas dos visitantes.

– "O professor austríaco Ludwing Shwwnnhagen – continuou Emílio – estudou profundamente a civilização fenícia no Brasil, ele acredita que os mesmos tenham usado esta terra como base de suas navegações por pelo menos oitocentos anos, deixando aqui além das provas materiais, uma importante influência entre os nativos. As inscrições reunidas são tantas que ocupariam vários volumes se fossem publicadas."

Nesse instante, o índio Tupy interferiu Emílio e começou a relatar as relações dos fenícios com os nativos brasileiros, íntimo dos documentos e livros do Professor Emílio, pois era seu fiel ajudante na manutenção da sua preciosa biblioteca. – "Conta-se que depois da chegada dos mineradores egípcios, trazidos pelos fenícios, para exploração de ouro nas regiões montanhosas no interior da Grande Ilha, encontraram uma grande população indígena, os povos Tapuios da raça malaia. Nossos antepassados eram pacíficos e não mostraram hostilidade para com os estrangeiros. Os egípcios precisavam de trabalhadores para essas explorações, que lhes dessem estabilidade as suas empresas. – Os fenícios que conheciam as ilhas da América-Central, as Antilhas, que significa Atlan-Tilhas, ou pequenas Atlântidas. Diziam nossos antigos que onde está o mar das Caraíbas, existia uma grande extensão de terra firme nomeada de Caraíba,

que quer dizer terra dos Caras ou Caris. Nesta ilha viviam as sete tribos da nação Tupi, que significa filho de Tupan. Mas com o mesmo destino da Atlântida, o país Caraíba, que todos os anos desligava-se em pedaços, desapareceu afundando no mar por completo. Os tupis salvaram-se em pequenos botes para o continente, onde hoje é a Venezuela, o nome da capital Caracas vem daí. Os Fenícios souberam da emigração dos tupis e resolveram transportá-los em seus navios para o norte do Brasil."

Emílio retoma a leitura em parceria com a explanação do seu fiel ajudante – "Na Bíblia, no Livro dos Reis, está bem evidenciado quantos quilos de ouro o Rei Salomão recebeu das regiões Amazônicas. Por isso o nome do rio que corta a região ter essa denominação, Rio Solimões. – Outro grande indício da presença dos fenícios no continente americano é a Pedra da Gávea, na Província do Rio de Janeiro, a 842 metros acima do nível do mar. Existe uma lendária montanha com face de um gigante desconhecido que encanta as pessoas que passam por ela, por seus mistérios".

– Há quem diga que por dentro dessa montanha, revela-se a história de um grande amor – disse o índio.

Emílio retomou a explanação – "Existe uma teoria que a Pedra da Gávea seria a tumba de um rei fenício chamado Badezir primogênito de Jatheball, conforme as inscrições encontradas em um lado da montanha. Hoje já se sabe que Badezir tomou o lugar de seu pai no trono de Tiro há 856 a.C. A pedra da Gávea representa a cabeça de algum tipo de "esfinge", gravada em granito pelos Fenícios, a qual tem a face de um homem e o corpo de um animal deitado. A montanha, vista de longe, tem a grandeza dos monumentos faraônicos e reproduzem em um de seus lados, a face severa de um patriarca. – Os fenícios eram um povo que mantinha muita disciplina, onde cada homem ou mulher se submetia ao interesse comum. Seus navegantes eram calados, religiosos e corajosos, que venciam sempre por sua perseverança e pela habilidosa diplomacia. Estes foram os homens que primeiro conquistaram o Brasil."

O sol começava a clarear por entre as árvores e Emílio e seus ouvintes a aparentar cansaço.

– Acho melhor pararmos por hoje, o dia está amanhecendo, disse Saul.

– Dr. Emílio, mais tarde quero lhe mostrar o que restou das anotações do professor Onélio, após o desabamento da mina.

– Claro! Afinal, foi isso que o trouxe de tão longe. – Finalizou Emílio fazendo um sinal para que seu fiel ajudante, Tupy, os levasse a seus aposentos.

Os visitantes acordaram tarde, no meio da manhã. Uma farta mesa com frutas e iguarias do Amazonas aguardava os hóspedes. Ao redor da casa, bichinhos de estimação passeavam livremente, enquanto eram alimentados pelo ajudante de Emílio.

– Bom dia, senhores! Espero que tenham dormido bem – saudou Emílio.

– Vou lhe confessar que depois de tantas informações preciosas que o senhor nos passou, demorei um pouco para dormir – disse Hadí.

– Eu também fiquei imaginando toda aquela historia que teria ocorrido bem aqui, ao nosso redor – emendou Saul.

– Então vamos tomar café e depois quero verificar os escritos do professor Onélio.

Após o café, Emílio encaminhou os visitantes até seu gabinete de estudos. Era uma ampla sala, com uma grande biblioteca, uma mesa com confortáveis cadeiras para estudo e uma sala interligada onde guardava as relíquias encontradas por toda a região Amazônica. – Hadí colocou sobre a mesa os escritos do professor Onélio. Emílio, com a curiosidade incontrolável de um cientista, começou reunir os escritos e logo foi tomado de uma visível inquietação.

– Dr. Emílio, o senhor conhece essas escrituras? – Indagou Hadí

– Não posso acreditar. Onde foi mesmo que vocês encontraram estas inscrições petroglíficas?

– No Vale das Pedras, no Ceará.

– É extraordinário.

– Por que Dr. Emílio? – A curiosidade de Hadí se misturava com a expectativa de lhe apontar alguma direção para o seu enigma.

– Acho que estamos diante de uma descoberta histórica.

– Como assim? – Perguntou Saul.

– Nós estamos fazendo novas escavações nos sítios arqueológicos da serra dos Carajás, precisamente na Gruta do Gavião, onde encontramos peças no período da primeira fase remota do período arqueológico da Ilha do Marajó: a Ananatuba, que pode ter sido de 980 a 200 a.C. A cerâmica dessa fase apresentava-se caracterizada por incisões, traçadas que produzem efeito sombreado e coberta por uma camada terrosa que disfarça a cor inicial do barro. Além de resgatar o legado dos primeiros povos da floresta Amazônica, estão servindo para embasar uma nova tese sobre a ocupação humana da região.

– E existe alguma correlação com as inscrições encontradas nas minas do Ceará, Dr. Emílio? – Perguntou Hadí.

Emílio levantou-se em direção à segunda sala, onde eram guardados os achados arqueológicos, acompanhados dos visitantes e de seu ajudante. – Guardado em uma redoma de vidro, estava uma peça de cerâmica em forma de urna, onde estavam reproduzidos os mesmos desenhos encontrados nas minas do Vale das Pedras. – Hadí, por instantes, ficou paralisado e uma sensação semelhante ao que sentira na mina, lhe tomava por completo.

– Você está bem? – Perguntou Emílio a Hadí.

– Desculpe-me. Como essas escrituras vieram parar aqui?

Há alguns dias venho trabalhando, tentando decifrar os desenhos que encontrei nesta urna, mas até agora, minhas suspeitas são de que se trata de uma história importante ocorrida naquele lugar. O Vale dos Reis, localizado no centro do Egito, é o lugar onde culmina essa história, Hanna e Luan, conforme o professor Onélio descreveu, são seus personagens centrais. O lobo, diab em árabe, na face de uma mulher. Os beduínos são nômades que vivem por toda a Arábia e a ANK é a chave da reencarnação, do amor, da vida. Essa história reproduzida em

lugares diferentes indica que foi um acontecimento importante e marcante que esses povos gostavam de deixar gravado para outras gerações. Suas pistas estão espalhadas por toda região onde habitaram os povos árabes no Brasil. A peleja do bem e o mal está gravada e a ANK indica que esta luta transcendeu por várias e várias gerações.

Enquanto Emílio falava, seu ajudante, o índio Tupy, demonstrava uma alta concentração em sua narração.

– Mas por que essas indicações me trouxeram até aqui, Dr. Emílio?

O índio Tupy interrompeu – Acho que eu sei por que o moço está aqui.

Com olhares de espanto, todos se voltaram para o índio e ele continuou – Existe uma lenda entre o povo Tapajó, que um guerreiro branco voltaria para a batalha final. Um grande amor foi rompido e o mal triunfou em tempos remotos. E através de milênios, a paz e a harmonia no reino de Tupã, dependerá da coragem e determinação desse guerreiro. Ele deverá voltar no tempo para encontrar a chave de suas perguntas.

– Você está querendo insinuar que esse guerreiro sou eu?

– A lenda diz que aquele que conseguir passar no meio da correnteza, no encontro do Grande Mar de Água Doce, voltará no tempo para cumprir o seu destino – sentenciou o índio.

– Como eu poderei fazer isso? E que Mar de Água Doce é esse?

– O Rio Amazonas, também, era conhecido como o Grande Mar de Água Doce. Com mil e cem afluentes, nasce no Peru. Quando entra no Brasil ganha o nome de Solimões e só é chamado de Amazonas quando suas águas se encontram com o Rio Negro. No rio Amazonas acontece, também, um dos fenômenos mais curiosos da natureza, a pororoca. No dialeto do baixo Amazonas, o fenômeno da pororoca tem o seu significado exato. Poroc-poroc que significa destruidor. O volume de água do rio Amazonas é tão grande que sua foz, ao contrário dos outros rios, consegue empurrar a água do mar por muitos quilômetros. O Oceano Atlântico só consegue reverter isso durante a lua nova

quando, finalmente, vence a resistência do rio. O choque entre as águas provoca ondas que podem alcançar até cinco metros de altura e avança rio adentro. Este choque das águas tem uma força tão grande que é capaz de derrubar árvores e modificar o leito do rio.

O índio, olhando para Hadí, sem perder a concentração, resolvera prosseguir a contar o que sabia de muitas e muitas gerações.

– Os Tapajós não enterram seus mortos. Os ossos dos cadáveres são moídos e postos no vinho, para serem “bebidos” pela tribo. O grande guerreiro branco deverá tomar o vinho que guarda os ossos do grande Pajé, conservado até hoje, a espera do guerreiro branco. Então será lançado para o encontro dos rios, dentro de uma canoa, em noite de lua cheia, para seguir o seu destino.

Em silêncio profundo, os quatro homens olhavam para a urna com as inscrições, sem saber o que aguardava o futuro. Neste instante, uma chuva forte começou a molhar a imensa selva, como se o “Grande Mar de Água Doce” estivesse preparando-se para o ritual de volta ao passado.

Na foz do Rio Amazonas com afluentes do litoral paraense, os remanescentes da tribo Tapajós esperavam o guerreiro branco para o prometido ritual.

Hadí, acompanhado de Emílio, seu ajudante, o índio Tupy e Saul, chegaram ao local determinado pela lenda Tapajós.

Emílio receoso com o que poderia acontecer a Hadí, falou – Eu como cientista não aconselharia você a enfrentar esse desafio. Tudo que se refere ao rio Amazonas é grandioso. Com seis mil oitocentos e oitenta e cinco quilômetros, disputa com o Nilo o título de maior rio do mundo, mas é imbatível em volume d'água. Recebe cerca de duzentos mil quilômetros quadrados de água por segundo. Isso corresponde a um quinto do volume de água que é lançado ao mar por todos os rios do mundo. Em alguns pontos, o rio é tão largo que não dá para ver a outra margem. – Pode ser um suicídio.

Hadí estava calmo e decidido. Enquanto desembainhava a adaga que recebera de presente do seu amigo Muadibe, falou para Emílio. – Minha vida tem sido marcada por sinais que me trouxeram até aqui. Não terei paz se desistir agora. Estarei vivo, mas morta estará a minha alma se não cumprir o meu destino.

Os Tapajós dançaram ao redor de uma grande fogueira à beira do rio. O feiticeiro Xamã triturava os ossos do grande Pajé para serem misturados ao vinho, num ritual do espírito. Eles prepararam Hadí com um banho de ervas e bênçãos. A canoa fora coberta com um manto índio, onde Hadí seria envolto após a cerimônia. – O guerreiro branco, em momento de concentração intensa, observava entre os dedos, os movimentos da dança indígena, enquanto olhava para o seu anel da ANK e as chamas da fogueira que começaram a lhe deixar em transe. O pó dos ossos do Pajé foi misturado ao vinho em utensílios de barro. Os

índios Tapajós estavam em silêncio profundo, Assim como toda a natureza com o prenúncio da pororoca. O feiticeiro Xamã começava a entoar um cântico evocando a alma do grande Pajé e passou a cumbuca de barro para Hadí tomar a porção do espírito, que num último olhar para Emílio e Saul, agradeceu e tomou o vinho. – Os Tapajós retomaram a dança e todos cantaram juntos com o feiticeiro. Atiraram outras porções na fogueira, que tomou proporção gigantesca. Hadí, agora em transe, movimentava-se no ritmo da música Tapajó e num sobressalto, desmaiou. Os índios, imediatamente, o recolheram para dentro da canoa e o envolveram, totalmente, com o manto. A lua cheia clareava as margens das águas que não se misturam e a canoa foi lançada ao rio.

Ascensionado, Hadí começa a viagem de volta no tempo. Nas profundezas de sua memória, e em meio ao grande mar de água doce, sua vida passou em fragmentos, numa regressão contínua. Assim como a bruxa Ariella havia lhe guiado, a canoa avançava em lua cheia, na correnteza rumo ao encontro das águas, onde lhe transportaria do Grande Rio do Ocidente para o Grande Rio do Oriente.

Nos arredores de uma aldeia camponesa, às margens do Delta do Nilo, há milhares de anos atrás...

Luan, um nômade fenício, um beduíno do mar, chegava numa canoa, acordando nos primeiros raios da manhã. Escutando o som das vozes de alguns camponeses egípcios agradecerem as boas chuvas que deixaram um grande húmus para o plantio, na baixa das águas.

– “Salve, oh Nilo! Tu que manifestas sobre a terra e em paz para dar vida ao Egito. Regas a terra em todas as partes, Deus dos grãos, senhor dos peixes, criador do trigo, produtor da cevada... Tu que traz as previsões deliciosas e cria todas as coisas boas, és o senhor das nutrições agradáveis e escolhidas. Tu que produz a forragem para os animais e provê os sacrifícios para todos os nossos Deuses. Oh Nilo! Tu que se apoderas de dois países e os celeiros enchem e os entrepostos regurgitam, os bens dos pobres se multiplicam e torna feliz cada um conforme seu desejo...” – Ouvia-se da boca de um aldeão.

– Este rio é tão importante para vocês como nossos camelos no deserto e nossos navios no mar. – Falou Luan aos camponeses, ainda atordoados, sem lembranças do seu passado nem o que lhe aguardava futuro, desembrulhando-se do manto e erguendo-se na canoa.

– “O Egito é uma dádiva do Nilo”. – Disse Azim, um camponês egípcio descendente de negros. – De onde vens? – Perguntara ao visitante.

– Sou um beduíno do mar, venho de vários lugares. E em terra, vivo onde houver um punhado de ervas frescas.

– Então pode começar a plantar as suas sementes, este ano os Deuses foram bondosos e nos deram muitas dádivas providas da enchente do Nilo. – Quanto tempo pretende ficar?

– Não sei... – Respondeu Luan – Talvez até a próxima inundação.

– Achava que os beduínos só viviam no deserto, rapaz!

– O mar também é um deserto. Como dizia um mestre do Monte Sinai: – “O deserto, como o mar, é um mundo em que nada pode ser tido como imutável”.

– Ouvi falar muito do seu povo – disse Azim. – Tenho muita admiração pelo seu modo de viver independente, de suas demonstrações de coragem, generosidade, moral e lealdade com os povos de suas tribos.

– Somos apenas mercadores do mar que não acreditam em estabilidades imutáveis. – respondeu Luan.

Azim percebera que aquele beduíno era diferente. O homem fenício carregava a certeza de que seu Deus o conduzia. Suas palavras eram coletivas, suas atitudes serenas e precisas.

Mercadores, os fenícios mantinham boas relações comerciais com os egípcios, e acabaram por trocar além das especiarias e dos serviços da navegação, a arte de cultuar o mistério.

– Se estiver procurando pousada, a minha casa é simples, mas poderá lhe servir até você encontrar um abrigo e também teremos muito trabalho com o plantio – dissera Azim.

– Aceito e lhe agradeço pela pousada e pela generosidade – agradeceu Luan.

Era uma aldeia simples, casas de tijolos crus, para durar apenas uma vida, diferente das tumbas e templos egípcios que eram construídos de pedras, com pretensões de eternidade. Mas tudo com muita precisão em sua feitura.

Azim morava com a mulher e quatro filhos pequenos. Os filhos eram desejados pelos egípcios, pois viam neles o instrumento de continuidade, que eram indispensáveis para o crédulo da vida pós-morte.

Seja bem vindo a nossa humilde casa – recebera com delicadeza Ariadgni. – Meu marido me disse que veio para passar um tempo e nos ajudar no plantio. Nossos deuses foram bondosos e nos deram muito húmus para plantarmos.

– Obrigado, é muita bondade de vocês me acolherem em sua casa. – Vamos comer um pouco – disse Azim. – Logo mais à noite teremos uma cerimônia de agradecimento pela cheia do Nilo. O Sacerdote, extraordinariamente, receberá em seu palácio os camponeses e agradecerá aos deuses pela fartura que teremos este ano.

Azim serviu uma caneca de vinho tinto ao visitante.

– Quer dizer que teremos festa na aldeia? – Perguntou Luan.

– Com muita música, dança, comida e muito vinho – respondeu Azim.

O suntuoso palácio do sacerdote não era aberto aos aldeões, apenas aos representantes do faraó, aos parentes e aos mais abastados. Neste dia, ele resolvera, em homenagem a grande inundação do Nilo, servir um banquete a todos em sinal de agradecimento.

Harpas, flautas e gaitas preenchiam o salão com melodias. Dançarinas, acrobatas, cantores para animar e distrair os convidados nos jardins. Taças de ouro e prata e as mais lindas baixelas de alabastro e de cerâmica pintada, circulavam na festa com muita comida e bebida.

O contraste de seus convidados parecia divertir o sacerdote que exibia muito ouro em suas vestes. Distribuía sorrisos, acompanhado da mais linda mulher da aldeia, sua filha, Hanna. Ela era a acompanhante do pai em suas cerimônias, pois tivera sua mãe morta durante o parto.

Neste momento, Luan, Azim e Ariadgni chegaram à festa. Quando Luan pôs os olhos em Hanna, seu olhar parecia ter paralisado. O Nilo acabara de inundar o seu deserto, fertilizando seus olhos, áridos de tantas viagens solitárias.

– Vá com calma, moço! – Disse Azim à Luan – Esta é a filha de um dos homens mais vingativos e perigosos das margens do Nilo.

– Quem é ela? Ísis em forma de gente? Perguntou Luan.

– Ela se chama Hanna, a filha do sacerdote, que pretende casar sua filha com o filho do faraó, entendeu?

– Já viu que aí não cabe a sua harpa, não é mesmo Beduíno? – Brincou Ariadgni.

– Não acredito que exista tamanha beleza em todo o Oriente.

– Você não conseguiria esconder-se nas mais secretas tumba ou escaparia vivo de todas as encarnações se tentasse colocar as mãos nesse tesouro.

Luan segurou uma taça de vinho e disse ao novo amigo.

– Transportaria um deserto inteiro, só para chegar mais perto dela.

Você enlouqueceu de vez, rapaz! – alertou Azim. – Se ao menos o sacerdote ouvir você falar nisso, pode se considerar uma múmia.

O salão é invadido por dançarinos que embelezam a festa. Ela se distraía ao conversar com seus acompanhantes, não percebera que o olhar fixo de Luan só via Hanna.

Azim pegou no braço de Luan e o conduziu – É melhor sairmos um pouco até o jardim, antes que lhe peguem olhando para a sua força e você vire sacrifício dos deuses.

A contragosto, ele segue para o jardim, mas passaria o resto da festa a contemplar a joia mais rara do Nilo. Após algumas horas sem tirar os olhos de Hanna, Luan aproveitou enquanto o casal de amigos conversava com outros convidados, para chegar mais perto daquela formosura de mulher.

O sacerdote voltava suas atenções aos convidados mais abastados, deixando Hanna observando os dançarinos, foi quando Luan a surpreendeu. – Se eu tivesse, daria todo meu reino com camelos e oásis e todos os tesouros das profundezas

da terra para nunca ver estes olhos derramarem uma só lágrima por tristeza, disse à bela moça.

Hanna, surpresa com seu admirador, sorriu e procurou escapar.

– Espere! Não quero assustá-la, apenas aproveitar este momento divino que Elat me concedeu e eternizá-lo em minhas lembranças.

– Você sabe quem eu sou? – perguntou a moça com doçura e atenção ao insistente admirador.

– Você é filha de Ísis reencarnada em figura humana. – Falou Luan olhando profundamente em seus olhos.

Hanna sorriu e tentou fugir novamente.

– Por favor... – Segurando a sua mão, disse-lhe – Se algum dia você desejar a felicidade, eu darei a minha alma junto com ela.

Hanna sorriu e retirou-se apressadamente. No meio da fuga, olhou rapidamente para trás para saber se o camponês atrevido ainda estaria lá.

Azim chegou naquele momento para livrar o Beduíno de seu sonho acordado.

– Eu já lhe disse que isso é uma loucura, você está construindo sua tumba. É melhor se juntar aos nossos. – Puxou Luan pelo braço, que parecia nem escutar o amigo, olhando o rastro de sua musa.

– Estou totalmente enfeitiçado – disse Luan. – Ela é a criatura mais linda e doce que o Egito já criou.

Ariadgni, com um sorriso estampado, interrompeu a conversa e olhando para Luan, disse – Jovens, tão sonhadores, não medem suas atitudes e consequências. – Esse beduíno do mar é o mais louco camelo sonhador que apareceu no Nilo.

– Não sabia que camelo nadava! – Brinca Azim.

No meio da festa, tocaram-se as trombetas e o sacerdote pediu a atenção dos convidados para fazer um pronunciamento. – Osíris e Ísis foram muito bondosos nos dando uma boa inun-

dação este ano. E como prova de nossa gratidão, teremos que aumentar a produção para ofertar ao faraó. Por isso na colheita dos tributos, será recolhido em dobro do que foi ofertado no ano passado.

Houve uma algazarra geral entre os aldeões.

Azim comentou com outros camponeses – Estava bom demais para ser verdade.

– Silêncio! – Pediu o sacerdote – Não será admitido um grão a menos do estabelecido. E aquele que desobedecer ao faraó, será sacrificado como exemplo.

– Por que não dividir um pouco da fartura que seus deuses deram com os aldeões pobres? – Perguntou Luan, num tom de voz para que todos ouvissem.

Aquelas palavras caíram nos ouvidos do sacerdote como chumbo. Ele ouvira aquilo como um insulto. O silêncio foi imediato e os olhares se voltaram para o forasteiro.

– Pelo que me consta, o Egito é um lugar abençoado no meio deste grande deserto, onde a escassez de água e alimento tornam os homens bárbaros e violentos. Sua ciência e cultura poderiam servir com mais generosidade aos humildes, repartindo um pouco da sua dádiva, afirmou Luan em bom tom.

– Desde quando os assuntos do Egito lhe interessam? Indagou o sacerdote com indignação.

– Não me importo apenas com assuntos do Egito, me vale saber que os homens fazem parte do mesmo mundo.

Os aldeões se olhavam com espanto, questionando de onde viria a coragem de um simples beduíno, dizer tais palavras a um sacerdote do poderoso faraó do Egito.

– Você sabia – continuou o faraó – que quem responde pelo destino destes homens é o faraó escolhido por Osíris e Isis. E eu como seu representante sagrado posso lhe mandar de volta para onde veio, se continuares a interferir na minha aldeia. – Fui bem entendido?

– Em sua aldeia quem manda é o faraó, – respondeu Luan. – E na consciência de seu povo?

Hanna observava atenta e admirada como aquele beduíno que deixara o palácio sobre silêncio e perplexidade. Um nômade que acabara de chegar e mostrava tal coragem, não vista antes por ninguém daquela região.

O comandante da guarda do palácio tentou impedir a saída do forasteiro. Mas o sacerdote, num sinal, indicou que poderia deixá-lo sair.

Hanna chamou uma de suas acompanhantes e falou ao seu ouvido. – Descubra onde ele está hospedado. Quero saber mais deste homem e por que ele está aqui.

O sacerdote ordenou aos músicos e as dançarinas que continuassem a festa e retirou-se para o interior do palácio, visivelmente, aborrecido, deixando os aldeões a comentar sobre a coragem do visitante.

No dia seguinte, ao final da tarde, Azim ficou surpreso com a chegada de uma visitante ilustre em sua casa. Hanna e a acompanhante procuravam o beduíno. Orientada por Azim, Hanna dirigiu-se à margem do Nilo, onde ficou por algum tempo, observando Luan meditando; refletindo uma aura de profunda pureza e paz.

Ao abrir os olhos, ele ficou paralisado diante da bela surpresa.

Sem jeito para justificar sua admiração ela disse – O que deu em você? – Inquiriu Hanna – Está procurando encrenca? Então acaba de encontrá-la. Meu pai é um homem vingativo.

– A fúria e a maldade não alimentam a força, bela moça, constrói armadilhas para seus opressores.

– Você está longe do seu povo livre, aqui sabemos que somos servidores do faraó, e tudo o que construirmos é em nome dos deuses para o povo do Egito.

– Tudo que precisamos saber é que todos são livres perante a Deus – afirmou Luan. – E se cada um cuidasse do outro, da terra, do alimento e os dividisse, não precisaria usar da guerra como uma justificativa para a liberdade.

– Sua atitude é nobre, mas temo por sua vida, beduíno, aqui aprendemos a acolher o destino que nos foi dado pelos deuses e faraós.

– Os deuses que você fala não os criaram para serem escravos. Nem matá-los em seus nomes. Por onde passei, vi coisas que me causaram horrores. Vi homens matando por terras, ouro, templos, tesouros, achando que levados a suas tumbas lhe trariam riquezas em outras vidas. Vi a cobiça e o desamor destruir as belas e simples coisas da vida. Nada disso me convenceu. Quanto tempo teremos que viver para constatar que a vaidade não é o princípio dessa caminhada?

– Qual o seu princípio de vida? – Sussurrou Hanna.

– Semear a paz em si para ofertar aos outros.

– Então me parece que você veio procurar a paz nas profundezas do deserto. Afinal, o que você veio buscar aqui?

– Você. O meu destino. – E Luan olhou bem no fundo dos olhos da moça.

Hanna, agora embaraçada, ao ouvir aquelas palavras, desviou o olhar de seu admirador e passou a contemplar o Nilo.

– Você parece mais louco do que eu pensava – disse a princesa.

– O fogo que aquece seu coração, acende a lareira da minha alma. Nunca tive tanta certeza deste sentimento em mim. Você é a razão da minha existência. Alguma coisa em você me completa, me acalma, me dá sentido para viver.

Hanna não sabia para onde olhar e sentiu-se atraída pelas palavras profundas do nômade. – Acho melhor você ir embora – disse Hanna.

– Agora é tarde. Já lhe encontrei – sentenciou Luan, com um brilho reluzente no olhar.

Tomados pela força do desejo, eles se beijaram. O Nilo parecia festejar aquele raro encontro. Os últimos raios de sol banhavam as águas que refletiam o ouro em sua correnteza. Testemunhando o nascimento de seu maior tesouro: o amor de Luan e Hanna.

No palácio, o sacerdote reuniu-se com sua principal conselheira, a maldosa feiticeira conhecida como Diab. Uma mulher exótica, fria e calculista que usava de seus poderes para criar estratégias de dominação. Costumava adornar a cabeça com indumentárias que lhe igualavam a um lobo.

– Diab, você viu aquele beduíno afrontar-me diante dos aldeões? Quero saber tudo sobre ele e o que faz aqui.

– Os fenícios são fortes, um povo hábil e cheio de mistério. Não será fácil dominá-lo, sacerdote.

– Não quero saber o que será necessário para neutralizá-lo, faça-o!

– Mas ele traz a força de seus ancestrais, a coragem de seus guerreiros e a habilidade de um vencedor.

– Maiores que o poder do faraó do Egito? Feiticeira, não me venha com suas fraquezas, o quero longe dessa aldeia, antes que contamine com suas ideias os camponeses. Quero ele longe daqui o mais rápido, entendeu?

– Sim meu sacerdote, seu desejo será cumprido, concordou Diab.

Neste instante Hanna entrou no salão e dirigiu-se ao pai.

– Meu pai, quero lhe falar sobre o beduíno. Ele me impressionou com sua preocupação com os camponeses.

Olhando para a feiticeira, o sacerdote disse – Viu o que lhe falei? Até a minha filha! – Hanna, não quero você perto desse forasteiro. Não pode querer defendê-lo, quanto mais depois da afronta que me fez passar diante do meu povo. – Mas, pai, ele estava apenas defendendo uma colheita mais justa para os aldeões.

– Justo, é ofertarmos mais ao nosso faraó, pelo húmus que nossos deuses nos mandaram este ano.

– Meu pai...

– Não quero ouvir mais nenhuma palavra, retire-se!

Diab olhou para Hanna, prevendo muitas transformações.

Hanna indignada com a indiferença de seus apelos, retirou-se.

– Acho que preciso começar agora o meu trabalho, pois vejo que esse desordeiro nômade mal chegou e já está causando muita algazarra – falou Diab.

– Faça o que for preciso, consentiu o Sacerdote.

Arrastando um longo manto negro, Diab retirou-se para dar início a sua estratégia de afastar o beduíno da aldeia.

Enquanto isso, Luan aproveitava as horas de folga do plantio para conversar com os aldeões, sobre suas andanças marítimas e as experiências que ele havia adquirido de outros povos e falava com sabedoria – Não acredito em sociedades que escravizam para obter riquezas. Sequer acredito em um povo submisso, que não se rebele um dia com a exploração do seu trabalho. Neste momento, a fome não é o problema do Egito. Mais enquanto isso, em muitos lugares, pessoas morrem por não terem água ou comida, um punhado de erva sequer para um chá. Quantos séculos serão preciso para a humanidade entender essa apartação? – Templos imensos são construídos em nome de seus Faraós, que representam seus deuses. Seus deuses não enxergam nada além do Nilo? O Egito, assim como outros impérios por onde andei e outros que ainda se formarão, com o tempo, provarão do dissabor do seu fim por pensarem só em si. Provarão que nenhuma riqueza, nem os mais valiosos tesouros, nem as grandes conquistas pelos mais poderosos reis, serão suficientes para satisfazer seus egoísmos, suas vaidades. O Sangue derramado em muitas batalhas em nome de impérios e de reis ainda se verá por muito tempo, pois alguns homens têm sede de sangue disfarçado em poder. – “A Terra em verdade é uma Estrela Sagrada e Livre”.

Os aldeões escutavam silenciosos, quando um deles perguntou. – Por que os deuses nos fizeram escravos desses reis?

– Não nascemos escravos, nos deixamos tornar escravos – respondeu Luan.

– Mais eles têm exércitos, armas e fortalezas – disse outro aldeão.

– A maior fortaleza de um povo é a sua união. – Luan respondeu – A maior batalha vencida por um verdadeiro guerreiro, é sem armas, mas com a consciência de torná-lo ciente da sua própria força. “Pela força do espírito se vence o espírito da força”.

Um aldeão parecia não se conformar com as palavras de Luan – Você nos fala dessa força, mas ela não venceria uma espada afiada.

– O inimigo não é a espada, mas o espelho que impulsiona o guerreiro que a carrega.

Os aldeões ouviam atentos as palavras do beduíno, que nunca haviam chegado às margens daquele rio. Palavras que despertavam ideias de igualdade. Naquele momento, a aldeia havia se transformado. Pessoas simples, exploradas pela manipulação da maldade, encontraram um homem que não temia um outro homem, apenas por sua espada.

Diab, através das águas do Nilo, observava Luan conversar com os aldeões. Começara a perceber como as forças opostas se atraem. Ela sentia uma atração incontrolável pelo nômade beduíno.

Hanna, em seu quarto, buscava explicações com orações a Ísis pelo repentino amor ao visitante de seu coração.

– Minha majestosa deusa. Meu amor adormecido desperta por este homem que nem sei quem é. Meu coração agora é dele. E foi tirado de mim, como um bom ladrão que me levou a mais preciosa joia, mas deixou a sua. E eu gostei... Diz-me o que faço... Minha vida agora está em suas mãos...

Diab entra no quarto repentinamente.

– É melhor que seu pai não saiba o que aconteceu.

– De que você está falando?

– De seu encontro com o Beduíno.

– Como você sabe?

– De mim não se pode esconder nada, moça!

– Hanna segurou a mão da feiticeira e pediu – Por favor, me ajude!

– Claro, meu amor. Sou sua conselheira.

– Estou totalmente atraída por este homem. Isso nunca aconteceu comigo – confessou a princesa.

– Seu jovem coração está provando da tentação da paixão. – Disse Diab, despertando ciúmes por tal revelação.

– Acredito não ser apenas uma tentação, há algo mais em Luan que me cativa. Sua honestidade, sua preocupação com os seres humanos, sua coragem, sua bondade... Seu amor.

– Chega! Não confunda amor com a obstinação da paixão, minha jovem.

– Preciso falar com ele mais uma vez. Por favor, me ajude Diab!

Diab percebera que poderia usar da confiança de Hanna para se aproximar de Luan.

– Claro, querida! Eu darei um jeito de proporcionar este encontro.

– Mas você tem que prometer uma coisa...

– Diga-me e eu prometerei.

– Se você reconhecer neste homem, um outro homem que não é o que você imagina, se afastará dele e nunca mais irá procurá-lo.

– Deixo que Ísis me ilumine. E se ele não for para mim, eu o deixarei.

Diab, agora teria Hanna em suas mãos, para manipular em seu jogo de intrigas.

Os camponeses, organizados por Luan, começaram a trabalhar em regime de mutirão para obter melhores resultados em suas plantações e na organização da aldeia. O progresso destes trabalhadores logo chegaria aos ouvidos do sacerdote. Então ele convocou uma reunião com sua conselheira e o Comandante da Guarda.

– Não sei o que este forasteiro pretende por aqui, mas não estou disposto a esperar pra ver. Quero que o traga aqui, para eu lhe dar uma única opção. Ou ele volta para Fenícia ou...

Diab interrompeu – Desculpe, meu Sacerdote, mas será que hostilizando o forasteiro não iríamos insuflar um motim dos aldeões, que confiam tanto nele?

– Posso pedir meus homens que armem uma emboscada e o faça desaparecer no Nilo – sugeriu o Comandante da Guarda.

– Insisto em lhe dizer, meu senhor. O grau de confiabilidade que ele adquiriu com os aldeões, seria perigoso simplesmente matá-lo – falou a conselheira.

– O que você sugere, então? – Perguntou o sacerdote.

– Se fizermos ele cair em descrédito com os camponeses... Talvez eles mesmos façam com que ele volte para sua Fenícia.

– E como faremos? Indagou o representante do Faraó.

– Deixe-o acreditar que o grande e piedoso sacerdote concorda com seu trabalho junto aos aldeões. Trazendo-o para perto dos nossos, encontraremos um jeito de dominá-lo.

– É melhor que você saiba o que está fazendo, feiticeira – disse o Sacerdote. Não quero levar problemas da nossa aldeia

para o grande faraó. Pois já prometi uma oferta em dobro em iguarias e especiarias para a próxima colheita. – Convide o tal beduíno para jantar conosco. Precisamos saber o que ele quer em nossa aldeia.

Recebendo a ordem necessária, Diab disse – Sim, meu sacerdote. Mandarei um enviado agora mesmo para convidá-lo para jantar amanhã, aqui no palácio.

Diab apressou-se em encontrar Hanna, para dar-lhe a notícia, sobre a vinda de Luan para um jantar.

– Mas você conseguiu que meu pai aceitasse a presença dele aqui no palácio? – Falou Hanna.

– Eu lhe disse que seria proveitoso termos um homem entre nós que ajude o nosso povo a se organizar melhor.

– Obrigada Diab, agora poderei conhecê-lo melhor.

– Mas lembre-se do nosso trato, minha querida.

– Não esquecerei.

Um emissário do sacerdote chegou ao campo onde Luan trabalhava junto aos aldeões e lhe transmitiu o convite.

Intrigado com a proposta e a mudança repentina do representante do faraó, Azim aconselhou ao amigo. – Acho estranha a mudança de opinião do sacerdote em relação a você Luan. Acho melhor se precaver, este homem é perigoso. Talvez fosse melhor não ir.

– Abandonar o campo de batalha fará o inimigo vencedor? – Minha luta, Azim, não é com o Sacerdote, mas com suas ideias. Se ele quer ouvir as minhas, então é chegada a hora.

À noite no palácio, foram reunidos os convidados mais abastados da aldeia. Numa mesa farta, se fazia presente dos mais deliciosos manjares, no luxo que o império egípcio ostentava. O sacerdote sentado na cabeceira da grande mesa e Hanna ao lado esquerdo do pai. Luan em frente da sua amada e Diab ao lado de Luan.

– Um brinde ao nosso convidado – ofertou o anfitrião. – Vindo da promissora Fenícia e que tem nos ajudado a organizar

os nossos aldeões. – Todos ergueram os copos. – Por que você trocou sua bela cidade oceânica pelo nosso Nilo?

– Eu não troquei, sacerdote, apenas vim atrás do meu destino. – Luan olhou para Hanna e sorriu.

Será que podemos saber mais dessa afortunada viagem, forasteiro?

– De onde eu venho, viajar é uma constância na qual buscamos sempre encontrar a maior fortuna, sacerdote.

O Sacerdote irônico, então perguntou – Então veio buscar o nosso ouro. – Uma sonora gargalhada tomou conta do ambiente.

– O ouro não é a medida da minha maior riqueza, sacerdote.

– Admira-me! Seu povo é conhecido em todo o Mediterrâneo como os grandes marcadores – disse Diab.

– Levamos e trazemos iguarias e especiarias de cidade em cidade e com elas, também, trocamos conhecimentos. Aprendemos que o mundo é maior que suas fronteiras imaginárias.

– Deve ser muito interessante ter oportunidade de conhecer tantas culturas distantes – disse Hanna carinhosamente para o convidado.

– E também de ver o quanto estão longe de acompanhar a nossa grande civilização egípcia – rebateu o sacerdote.

Luan num gesto, repentino, fitou o sacerdote e disse – Creio que o sacerdote imagina que o Egito é o centro do mundo.

– E os nossos faraós são os enviados de nossos deuses para emanar suas vontades – completou o sacerdote.

– Será vontade de seus deuses verem tantos homens vivendo miseravelmente? – Neste instante, os convidados começaram a perceber a nova ousadia do beduíno.

– Será que a razão da existência é construir impérios e ostentar riquezas como forma de demonstrar poder, nem que

para isso seja preciso escravizar pessoas e promover a miséria, a infelicidade. Por que imaginam ser diferentes? Por que carregam medalhões e cinturões de ouro e prata e levam sobrenomes que perpetuam dinastias? Por que nasceram dentro das fortalezas? Por que seus exércitos podem matar mais homens com uma nova invenção bélica? – Um instante de silêncio se fez no ambiente... – Se os reis fossem sozinhos para suas arenas, duelarem com outros reis que pretendessem dominá-los, apenas eles, somente eles... Pensariam melhor antes de matarem ou morrerem.

– Você parece que não enxerga o mundo, rapaz – disse o Comandante da Guarda.

– Não com os seus olhos... soldado.

– De certo você não concorda com os sacrifícios que seu povo faz a seus deuses, disse Diab.

– O maior sacrifício que se pode oferecer, é entender a bondade divina da vida e respeitá-la. Cada cultura imagina uma forma de comunicar-se com o Divino. Nas minhas viagens, vi civilizações avançadas com muitos ensinamentos para alcançar o equilíbrio do interior ao Ser supremo. Como também vi a barbaridade de reis imporem a sua vaidade como consciência e luz. – Em todos os continentes existem seres humanos que alcançaram a compreensão plena e acreditam que a carne pasará, mas o tempo não tem fim.

– É muito louvável sua visão do mundo... Concordou Hanna com admiração.

– Bobagem! – O sacerdote virou-se com um olhar reprovativo para Hanna. – Ele não conhece as visões sagradas dos faraós. – Tudo isso é um monte de bobagens recolhidas desses povos bárbaros do deserto.

– Com a nossa convivência, de certo ele provará da força dos nossos poderosos deuses. E lhe aviso – disse Diab, olhando para o beduíno – Seus castigos poderão trazer o seu fim.

– A vingança não é instrumento de Deus, a justiça sim. “Não há religião superior à verdade.” E continuou. – “Religião não é apenas o ato externo de uma cerimônia. Ela é, ao contrá-

rio, uma questão de vida diária e de cada hora! É o objetivo perfeito, normal do completo bom-senso. É a questão da disciplina, do autodomínio, da reflexão; é o desdobramento do amor e gratidão a Deus que vos deu a vida e vos mantém no Universo..."

– Então você acha que pode mudar o mundo? – Perguntou o sacerdote mais uma vez com ironia.

Enquanto Luan continuava a expor suas reflexões numa firmeza contagiante – Estou tentando mudar a mim e corrigir o que me é permitido. Mudando a mim estou mudando o mundo.

Alguns nobres convidados viram no beduíno uma força ameaçadora. Hanna, não. Agora estava ciente de que encontrara um homem de consciência livre e beleza de alma.

Nos jardins, depois do jantar, antes de deixar o palácio, Luan encontrou Hanna, que o esperava escondida dos convidados. – Luan, quero lhe dizer...

– Psiu!!!... Não diga nada, apenas sinta. – Luan beijou-a calorosamente.

– Você me faz sentir que o mundo tem sentido – sussurrou Hanna.

– Dentro de nosso mundo existe a maravilhosa demonstração do amor, minha bela!

– Quando você me beija e olha profundamente nos meus olhos, me sinto nua das coisas ruins da vida.

– Quero você por toda minha existência – Luan afirmou em tom suave.

– Meu pai não irá permitir.

– As coisas mudam... Sempre mudam... Hanna.

– Por que você foi nascer um beduíno e eu filha de um sacerdote?

– Não importa os corpos que habitamos, nossas almas estão unidas no tempo.

– Não sei o que farei...

Neste instante, a acompanhante de Hanna vem avisá-la de que seu pai se aproximava do jardim, despedindo-se de alguns convidados. – Luan entrega a Hanna um pergaminho.

Muitas coisas acontecerão em nosso caminho – disse a ela – mas saiba que nada fará me separar de você. Ele a beijou e deixou o palácio.

Hanna correu para o seu quarto, abrindo o pergaminho, leu:

*As forças do Universo ditaram seus braços generosos
sobre mim.*

*Minha criança saltou e veio brincar com o meu sagrado no
jardim.*

*Fez-me retomar a estrada, o caminho,
os sinais.*

*E ao mergulhar em minhas lágrimas,
lavei minh'alma, desprendi-me.*

O amor retornara em mim.

*Refletindo em seu rosto, em sua essência,
a obra de Deus.*

*Comungando, compartilhando, engrandecendo, agradecen-
do.*

*Encontrando seu som, tocando a sua música confiada aos
meus ouvidos.*

Iluminando os meus olhos.

A estrada é longa,

Nosso destino é certo.

Longe inexistente quando se está dentro.

O meu coração ama o seu.

LUAN

Com o passar dos dias a prosperidade no trabalho de Luan junto aos aldeões era notável. Com os ensinamentos aprendidos de outras civilizações, estava produzindo uma estrutura de autossustentação com o plantio e o regime de mutirões. O lugarejo começava a tomar um novo aspecto. Irritado com a liderança natural do beduíno, o sacerdote resolveu colocar sua mão de ferro sobre os aldeões.

Um emissário levou nova ordem do sacerdote aos campos de plantio, que em voz alta avisou aos camponeses: – De hoje em diante, em nome do Sacerdote, representante do grande faraó do Egito, serão aumentados em dobro todos os tributos da aldeia e ficará proibido qualquer alteração em suas construções sem a expressa autorização do sacerdote. Aquele que desobedecer às ordens será recolhido para trabalhos forçados no deserto.

Luan, não acreditando no que estava ouvindo, protestou – Isso é um absurdo!

– Eu lhe avisei que ele era um homem vingativo – disse Azim.

– Ele não pode tomar decisões arbitrárias assim. Isso é um abuso do poder, será que ele não enxerga o bem que esta gente está colhendo.

– O sacerdote nunca se importou com a gente, meu caro Luan, apenas com os grãos, o linho que produzimos e os tributos que recebe do fruto do nosso suor.

– Não permitirei essa crueldade. Irei falar com ele.

– Você está se arriscando demais. As consequências serão graves.

– Eu os coloquei nessa e não ficarei de braços cruzados.

Luan saiu em disparada ao palácio do sacerdote, que logo sabendo de sua chegada, o mandou entrar. No salão esta-

vam o sacerdote, Diab, o Chefe da Guarda e os soldados que o escoltaram.

Luan com a firmeza de um homem convicto de seus ideais, falou – O senhor não pode impedir que essa gente progrida em suas vidas em detrimento de interesses pessoais.

O sacerdote, frio e com total desdém respondeu – E você não tem o direito de interferir nos negócios do Egito.

– Não enxerga que este povo trabalha duro para alimentar o luxo de seu palácio e não tem o direito sequer de criar melhor os seus filhos – reagiu Luan.

O sacerdote enrubesceu – Você já foi longe demais, rapaz. Minha paciência esgotou-se. Leve este homem à masmorra e ensinem-no a respeitar os representantes do Egito.

Os guardas o levaram ao cadafalso, para o prazer de Diab. Agora ela sabia que ele estava sob o seu domínio.

Hanna, quando soube do que havia acontecido correu a procura do pai para tentar livrar o seu amado da tortura.

– Meu pai, o senhor não pode punir este homem por apenas tentar melhorar a vida dos aldeões. Não é justo.

– Não me venha dizer o que é justo, estou cheio desse impostor. Não quero que você se meta nesse assunto. Estou defendendo os interesses do Egito e não permitirei que um forasteiro venha causar uma rebelião contra o nosso poderoso faraó.

– Mas meu pai...

– O Sacerdote alterou a voz. – Já lhe disse que não quero mais ouvir nenhuma palavra em defesa deste beduíno agitador e arrogante.

Diab foi ao encontro de Hanna e a conduziu para seu quarto. Hanna, em prantos, pediu ajuda a feiticeira. – Por favor Diab, me ajude a tirá-lo de lá. Eles vão matá-lo.

– Não posso ir de encontro às ordens do seu pai, minha querida.

– Por favor, eu lhe imploro, farei qualquer coisa que me pedir, mas tire-o de lá.

– Se eu conseguir afastá-lo da tortura, você pediria a ele para abandonar a aldeia e voltar para Fenícia? – Propôs Diab, a

sórdida separação. Pois não suportava a ideia da união dos dois. Era como chamas de fogo na correnteza de seu sangue frio.

Hanna por um momento refletiu que isso o afastaria de vez do seu amor, mas lhe salvaria a vida. – Eu o amo muito. Com todos as força do meu ser, eu o amo e não o deixarei morrer, mesmo que para isso ele tenha de ficar longe de mim.

Diab viu a oportunidade que esperava para separar Hanna de Luan. O amor que eles sentiam um pelo outro a incomodava como um punhal na alma.

Na madrugada, Diab desceu até aos porões de pedra úmida do palácio e usando de seus poderes, hipnotizou os guardas que o vigiavam. Encontrou Luan quase desfalecido, acorentado, chicoteado, com rios de sangue em suas costas.

Ela chegou perto dele e o acariciou o rosto. Aquele homem lhe atraía de uma forma estranha, o bem que ele carregava em si, confortava o seu coração escuro.

Luan encontrava-se com sua visão turva pelos maus tratos e o pelo sangue que escorria nos olhos. Chamou por Hanna. Imediatamente Diab recompôs a sua frieza.

– Estou aqui para libertá-lo a pedido de Hanna. Os guardas estão imobilizados – disse a feiticeira.

– Saia o mais rápido possível, lá fora você encontrará o caminho livre. Ela pediu para entregar-lhe este pergaminho. Agora vá.

Luan enfraquecido pelas torturas, caminhou com muita dificuldade em direção à saída.

Ao longe, da janela do palácio, Hanna chorava e acompanhava a fuga do seu amado. – Adeus, alma querida...

Luan chegou ao alvorecer, desmaiando ao entrar na aldeia. Os camponeses que já sabiam da prisão do beduíno, o acolheram e levaram para um casarão abandonado, longe da aldeia, para que não fosse localizado pela guarda do sacerdote. Mais tarde, já um pouco refeito, Luan despertou delirante.

– Hanna!...Hanna!... Chamava alto por sua amada.

– Calma, amigo, aqui você está a salvo. Nós o avisamos para não ir ao palácio. Agora você travou uma guerra pessoal com o Sacerdote.

– Preciso levantar. – Tentou em vão erguer-se.

– Calma... Calma... amigo. Você ainda está muito fraco. Precisa descansar. Amanhã estará melhor.

Ao anoitecer, Luan ainda deitado e muito ferido, conversava com alguns aldeões que foram visitá-lo no casarão.

Vocês não podem desistir – disse o beduíno. – Entregar-se agora, será assinar a escravidão da aldeia.

Azim, falou ao amigo – Os homens do sacerdote estão por toda parte a sua procura. Eles incendiaram alguns galpões com grãos em resposta a sua fuga e espalharam pela cidade um pergaminho colocando em prêmio a sua cabeça.

– Azim, não entraremos no jogo dele. Reúna os aldeões e remova o maior número de grãos e mantimentos que conseguirem e construam abrigos subterrâneos de tijolos no deserto para esconderem o alimento. Tenham muito cuidado enquanto trabalham para que os homens do sacerdote não descubram os esconderijos.

– Você acha que o sacerdote perdoará a ausência dos tributos? Questionou um aldeão.

– Eles dependem do que vocês produzem. Quando faltar o alimento em suas mesas, eles respeitarão vocês.

– E quanto a você? – Preocupou-se Azim. – Agora você corre perigo de vida. Ele não descansará enquanto não levar sua cabeça como exemplo.

– Não tenho vontade de enfeitar o palácio do sacerdote com a minha linda cabeça. – Só assim houve risos entre os aldeões. – Além do mais, tenho uma joia rara naquele palácio que me pertence e ainda irei buscá-la.

Azim entregou a Luan o pergaminho que Hanna havia lhe escrito. Ele estava preso por um anel de prata, com o signo da ANK. Luan abriu o pergaminho e os aldeões o deixaram para que ele o lesse.

LUAN,

Não posso deixar-me guiar pela ilusão da paixão. Nosso encontro foi um erro nessa vida. Não podemos continuar com o sonho mais lindo que já me aconteceu. Por mais que eu o ame, jamais poderei lhe acompanhar. Você doou à minha alma, o mais sagrado dos sentimentos: O amor. Mas a realidade é cruel e não permite que o os sonhadores o cultivem. Espero que você me entenda, não quero lhe machucar, mas não posso abandonar a minha família. É hora de dizer adeus.

Que Deus ilumine o seu caminho!

HANNA.

Uma tristeza profunda habitou a alma de Luan, ele olhava o anel presenteado por Hanna com uma cruz e um arco na sua parte superior.

Azim entrou no quarto e falou com o amigo – É a ANK, um símbolo solar sagrado que representa "A Chave da Vida". – Alguns sábios dizem que esta cruz simboliza a continuidade, a existência da vida após a morte.

Luan colocou o anel no dedo.

– Acho que não tenho mais nada para fazer aqui, Azim.

– Não a culpe, vocês não poderiam ficar juntos agora.

– Logo que eu me recupere totalmente, irei embora. Acho que já trouxe problemas demais para vocês.

– Você nos ensinou a ter respeito por nós mesmos. Ajudou a recuperar a nossa dignidade. Jamais esqueceremos o que fez por nós.

– Lembre-se de que a não violência será sempre a maior arma contra os que carregam o ódio na coração. O império da força e da maldade não sobreviverá, por mais forte que seja, ao tempo e a verdade.

Você é um grande homem, Luan. Um verdadeiro Toth, um Avatah. – Disse o amigo em suas últimas palavras.

Naquela noite, Luan refletira sobre tudo o que acontecera. Era chegada a hora de uma decisão. Ele não poderia sacrificar os aldeões pela raiva pessoal do sacerdote. E não poderia tirar Hanna de sua família sem a sua vontade. Tudo que havia plantado estava se desmanchando à sua frente. Ajoelhado às margens do Delta do Nilo, resolveu orar e entregar a Deus a sua decisão.

Alguns dias depois, os aldeões haviam feito o que Luan tinha sugerido para esconder os alimentos. O sacerdote, aconselhado por Diab em represália a tal atitude, mandara matar cruelmente seu amigo Azim. Como exemplo, pendurou a sua cabeça na entrada da aldeia.

Quando Luan se preparava para deixar o Egito, Ariadgni, a mulher de Azim, chega com os filhos até a casa onde Luan estava abrigado, desesperada, em frente ao beduíno, vociferou – Assassino! Assassino! Você matou o meu marido. Se você não tivesse vindo para aldeia, nada disso haveria acontecido. Eles o mataram e colocaram sua cabeça numa estaca na entrada da cidade. E agora!... O que eu vou fazer da minha vida?

Luan é tomado por uma força estranha. Nunca havia sentido tal sentimento. Mas nem mesmo o ódio do inimigo o dominaria. – Ele apanhou sua adaga e saiu decidido rumo a aldeia.

Ao deparar-se com a cabeça de seu amigo pendurada, Luan retirou-a da estaca, embrulhou num manto e foi de encontro aos aldeões que o olhavam apavorados. – Ele olhou para todos e falou emocionado – Todos têm medo de alguma coisa, imposta pela agressividade ou pela submissão. O temor ao inimigo vem do seu desespero perante a sua fúria. A fúria nasce da perda da razão. Eles sangraram o nosso amigo para ferir cada um de nós. Para tentar nos acuar dentro do obscuro mundo do medo, da fragilidade. – Não tenho medo deles. A minha compaixão a sua fútil existência me fortifica e me impulsiona. Eles têm as mesmas inseguranças que vocês, são humanos. Mas as suas consciências os destingem. Azim lutou comigo para melhorar a vida de seus filhos. Não deixarei sua memória se perder no fundo do Nilo. Se recuarmos agora, nunca mais voltaremos à superfície de nossas almas. Tenho certeza de que Azim viria conosco.

Em silêncio, Luan levou os restos mortais de seu amigo para uma cerimônia de despedida à margem do Nilo. Cumprindo a profecia da velha bruxa Ariella a "Leoa de Deus".

Nos dias que se seguiram Luan refugiou-se no deserto, preparando-se para enfrentar o inimigo. Pouco a pouco os aldeões foram chegando e aderindo a mais aplicada disciplina de treinamento estratégico vista por aquelas bandas do Nilo. Luan passava horas, recolhido em meditações, exercícios que aprendera com o povo da Índia, onde os seus mestres diziam: "Praticai o silêncio... Fixar o pensamento no espaço entre os dois olhos produz a entrada da luz. Depois, o espírito se cristaliza e entra no centro em meio às circunstâncias. É como o campo do Elixir interior, o espaço da força. – Uma única pessoa, quando se encontra neste estado de silêncio, pode salvar uma cidade inteira, tal é o poder adquirido." – Após as meditações, ele transmitia instruções aos aldeões, que se tornavam cada vez mais fortes e seguros.

A notícia já havia chegado ao palácio. Mais uma vez, o sacerdote estava reunido com seus conselheiros para definir uma ofensiva aos aldeões.

– Mandem matar todos os guardas que deixaram aquele fenício escapar. – Ordenou o sacerdote ao seu Comandante da Guarda. – Quero resultados práticos na sua captura e exemplos para que os aldeões não desobedeçam ao representante do faraó.

– Poderíamos fazer com que a aldeia se revoltasse contra ele – disse a impiedosa mulher. – Sacrificando um homem por dia, até eles entregarem o forasteiro.

– Esplêndido! – Disse o sacerdote.

Neste momento entra no salão um soldado que retornara da aldeia e informou assustado ao Comandante da Guarda. – Senhor, não há homens nenhum na aldeia, apenas mulheres e crianças.

– Mas como? Onde eles estão?

– Interrogamos algumas mulheres e elas disseram que eles simplesmente partiram – disse o mensageiro.

– Deve ser alguma estratégia do beduíno – disse Diab.

– E os mantimentos, vocês os encontraram? – Perguntou o Comandante da Guarda.

– Não há nada senhor. Todos os galpões estão vazios.

– Não é possível! Eles desapareceram do nada? – Falou raivosamente o sacerdote.

– Espere... Se eles retiraram a comida da aldeia, significa que eles voltarão para alimentar as mulheres e filhos. Então poderemos vigiá-los e segui-los até onde estão escondidos – disse a feiticeira.

– Precisamos encontrá-los logo, meu sacerdote. Os suprimentos de alimento dos soldados estão chegando ao fim. – Alertou o Comandante da Guarda.

Luan conseguiu o apoio de todos os aldeões, inclusive das crianças, que participaram com maestria da primeira estratégia do beduíno. – Enquanto os soldados se preocupavam em vigiar as mulheres da aldeia, crianças vestidas com roupas de pele de animais, camuflavam, falsas barrigas, que transportavam o alimento do esconderijo à mesa de suas mães, que faziam as refeições na madrugada.

Começava a faltar suprimento para os soldados. Luan sabia que uma guarda faminta começaria a dar problemas para o seu comandante. – No acampamento, o beduíno ensinava aos aldeões como economizar o alimento, técnica que havia aprendido com seus antepassados no deserto.

– Meu sacerdote! – Desesperava-se o Comandante da Guarda. – Os homens estão com fome. Eles ameaçam saquear os suprimentos do palácio se não conseguirem alimento.

– Então Diab, o que faremos agora?

– Podemos colocar algumas mulheres e filhos dos camponeses na masmorra para servirem de isca.

– Enquanto isso mande liberar uma parte de nossos suprimentos para alimentar a tropa. Não posso pedir ajuda ao faraó, senão, demonstrarei fraqueza na minha administração da aldeia.

– Sim, senhor! Concordou o Comandante da Guarda.

– Preciso saber onde ele está. Vou recorrer as minhas magias. – Falou Diab, saindo apressada e decidida.

– É melhor que sua magia funcione. E rápido, feiticeira!
– E o olhar do sacerdote desmaiou na imensidão dos ares.

O cativo ficou cheio de mulheres e crianças, causando uma profunda revolta em Hanna. E por saber que foram ordens do seu pai, rebelou-se e partiu para ajudar Luan.

Na madrugada, ela vestiu roupas da sua acompanhante e saiu em direção a aldeia. Lá chegando, bateu à porta de Ariadgni, a mulher de Azim.

– Por favor, abra. Eu quero ajudá-los. – Implorava Hanna.

– Seu pai matou meu marido por causa do seu namorado. E você acha que eu acreditaria em você? – Resistiu Ariadgni.

– Você não pode julgar a todos como uma só pessoa. O erro não partiu de Luan. Eu sei da sua dor e de todas as mulheres e crianças que estão na masmorra. Por isso estou aqui. Quero libertá-los.

Sentindo verdade nas palavras de Hanna, Ariadgni abriu a porta. Ao entrar viu as crianças tirarem o alimento das falsas barrigas e sorriu admirada com a estratégia de seu amado.

– Como você poderia nos ajudar? – Perguntou Ariadgni, um pouco mais calma.

– Leve-me até Luan. Ele me guiará.

– Crianças, fiquem com seu irmão mais velho. Eu preciso ir até o deserto – disse Ariadgni alcançando um véu e envolvendo em sua cabeça.

As duas enfrentaram o frio da madrugada no deserto e com muita cautela para não despertar a vigilância dos soldados, deixaram a aldeia.

Quando se aproximaram do acampamento, o sol começava a iluminar as grandes dunas. Alguns aldeões vieram receber as duas mulheres que aparentavam cansaço e frio. Levaram-nas direto à tenda de Luan. O beduíno perdera a fala ao ver as duas

peessoas que jamais imaginaria entrarem na sua tenda naquele instante.

Hanna ao avistar seu amor, correu e abraçou-o longamente. – Eu vim para ficar ao lado do homem que eu amo. E ajudar a cumprir o nosso destino.

Luan beijou Hanna, carinhosamente, depois olhou para Ariadgni e em silêncio esperou que ela lhe falasse.

– Eu vim para lhe pedir desculpas por culpá-lo pela morte do meu marido. – Sei que você gostava muito dele e tudo que o ensinou foi para o seu bem – Disse Ariadgni num tom sereno e amigável.

– Sei como você se sente, e entendo a sua dor. Mas agora é hora de darmos um basta na exploração desse povo e Azim faria o mesmo.

Hanna olhou para Luan e disse num tom mais sério. – Trouxe notícias não muito boas. Meu pai enlouqueceu de vez. Ele aprisionou algumas mulheres e crianças esperando criar uma armadilha para agarrá-los.

– Ele está louco – afirmou o beduíno.

– E agora Luan, como vamos tirá-los de lá? –perguntou Ariadgni.

Luan ficou em silêncio por instantes e notadamente preocupado.

– Meu amor, sei que os suprimentos do palácio não durarão muito e logo meu pai pedirá ajuda ao faraó. Será um massacre.

– Tenho ensinado aos aldeões a não usarem a força das espadas, Hanna. Pois uma vez que as erguerem, eles a utilizarão e o sangue correrá no Nilo. Preciso encontrar uma saída.

– E se eu guiar alguns homens pelas passagens secretas do palácio... Poderemos chegar até a masmorra e libertar as aldeãs. – Disse Hanna, propondo uma solução.

– Será muito perigoso para você.

Não tenho medo. A sua luta agora é minha também.

Diab, em seus aposentos, usava a magia para tentar descobrir o esconderijo de Luan, quando o Comandante da Guarda levou a acompanhante de Hanna até a maldosa mulher.

– Pegamos essa escrava vestida com as roupas da filha do Sacerdote. E junto às coisas dela estava este pergaminho.

Ao ler o pergaminho que Luan havia deixado para Hanna, declarando o seu amor, Diab aumentara mais a sua fúria. Agora não poderia esconder o romance dos dois. Junto com o Comandante da Guarda, foram encontrar o sacerdote e contar-lhe a fuga de sua filha.

O sacerdote não se conformava – Não acredito! Fui traído pela minha própria filha. Não terei mais nenhuma compaixão. Enviarei um emissário ao faraó. Vou relatar o que está acontecendo na aldeia e pedir-lhe ajuda para encontrar e castigar esses traidores.

No deserto, Luan preparava seu plano para resgatar as mulheres e crianças do confinamento, quando chega ao acampamento conduzida por um menino, a ajudante de Hanna, que havia sido chicoteada e deserdada do palácio. Acolhida por Hanna e Luan, levaram-na para uma tenda e deram um chá para acalmá-la.

– Precisamos sair daqui, minha ama. Eles estão chegando...

– Quem estão chegando? – Perguntou aflita a filha do sacerdote.

– Os soldados do faraó. Seu pai mandou chamá-los.

– Então está acontecendo o que eu temia... – Comentou Hanna com muita preocupação.

Luan ficou a tarde inteira em sua tenda. Nessas horas os aldeões retomavam o medo.

Depois de muito meditar, ele reuniu os camponeses ao redor da tenda central e falando, pausadamente, selou um pacto que mudaria seus destinos. – Agora chegou à hora. Continuamos lutando até morrer para não desistir da terra onde vivemos, ou permanecemos escravos do egoísmo e da vaidade dos autoritários senhores do Egito, e deixaremos que nos destruam vagarosamente com o passar dos tempos. – Não entraremos nessa guerra para construção de impérios suntuosos que medem forças de mosaicos. Somos mercadores, não usamos a espada para impor a força. Os beduínos do mar têm levado vários povos para habitarem em outros lugares com novas oportunidades de vida. Descemos a costa da África e desenhamos mapas cartográficos que levaram a descoberta da Grande Ilha além da costa africana. Essa Ilha tem vegetação generosa e um grande rio que se assemelha ao Nilo. Em breve, irão partir de Biblos uma nova expedição com várias caravelas que transportarão muitas pessoas do Oriente para explorarem a abundante Ilha do Ocidente. Agora é hora da decisão: ou nos tornamos escravos de nós mesmos, ou partimos para a construção de uma sociedade livre, onde viveremos em paz.

Antes que os soldados do faraó chegassem até a aldeia, Luan organizou a retirada dos aldeões em direção à Fenícia. Um grupo maior de pessoas, entre homens, mulheres e crianças carregavam mantimentos e rumavam ao extremo leste do delta do rio Nilo para atravessar o grande deserto de Shur, em direção a Biblos, a antiga cidade fenícia, onde tomariam os navios para a Grande Ilha. Ele e Hanna, com alguns homens, rumaram em direção às passagens secretas do palácio para libertar os prisioneiros.

No palácio, Diab inquieta, pressentiu uma grande transformação.

– As tropas do faraó estão perto de chegar. Irão invadir aquelas dunas. Não sobrará um aldeão que não seja trazido de volta. E quanto aquele beduíno... quero a sua cabeça – ordenou o sacerdote.

– E quanto a sua filha, devemos poupá-la? – Perguntou Diab.

– Devo encaminhá-la para a capital do Egito, onde ficará sob a guarda do faraó.

Mas Diab queria mais. – Se eu lhe pedir para que eu mesmo mate o beduíno, o senhor me daria este prazer?

– Você tem sido muito leal a mim e ao Egito. Vou lhe conceder esta honra. – Consentiu o sacerdote, apresentando um sorriso insano.

Nos muros do palácio, Hanna indica uma passagem que levaria Luan e alguns aldeões até os porões. Os guardas foram dominados e libertaram as mulheres e crianças.

Enquanto eles escapavam por um lado, os numerosos soldados do faraó, chegavam pelo outro lado do palácio. O general do Exército egípcio se apresentou ao sacerdote. – Salve, meu sacerdote! O faraó nos enviou para acabar com esta rebelião e espera que retornemos o mais breve possível com boas notícias.

– Salve, general! Quero que se junte a mim e aos meus homens até as dunas onde esses rebeldes se escondem. Quero que me tragam vivo o líder dos rebeldes e minha filha que está em poder deles.

– Partiremos agora mesmo, meu senhor.

O grande exército marchou até as dunas e revistaram tudo. Quando chegaram onde estavam os aldeões, só encontraram os resquícios do acampamento. De lá se locomoveram para a aldeia e a encontraram totalmente deserta. O sacerdote, acompanhado de sua cruel conselheira, não acreditava como eles poderiam sumir tão rápido.

Diab, tinha certeza de que controlaria a situação. – Sinto... Eles não podem estar longe. Nós o pegaremos. É questão de dias.

– Vamos acampar aqui hoje – disse o General. Os homens fizeram uma longa viagem. Serão muito úteis amanhã quando estiverem descansados.

– Amanhã irei com vocês – falou o sacerdote.

Não descansarei enquanto não colocar as mãos naquele forasteiro. E quanto a você Diab?

– Eu não perderia esta viagem por nada neste mundo. Preciso apenas pegar algumas coisinhas no palácio, que serão muito úteis nessa caçada.

Temos que ter cuidado – obtemperou o general. Em muitas cidades do Egito estão ocorrendo revoltas. E ainda mais fomos informados das tribos do deserto de que estão saqueando nossas fronteiras. Se eles se juntarem a esse beduíno, poderemos ter uma boa luta pela frente.

– Em nome do nosso glorioso faraó, não temeremos o inimigo, pois Osíris e Isis estão nos protegendo, dizia convicto o sacerdote.

– Assim seja – reverenciou o general.

Nisso o Comandante da Guarda do palácio chegou ansioso. – Sinto informá-lo, meu sacerdote, mas os prisioneiros escaparam da prisão.

– Como foi possível eles escaparem em cima das nossas barbas?

– Ou eles são muito espertos ou temos um forte traidor entre nós – desconfiou o general.

– Acho que estamos subestimando este perigoso inimigo do Egito. Quando capturá-lo, faremos dele exemplo para que outros forasteiros não se atrevam a ultrapassar as nossas fronteiras.

– Mas também, seria ótimo se pudéssemos convertê-lo para o nosso lado, general. Teríamos um ótimo estrategista de guerra – disse Diab, tentando atrair a presa para si.

– Negativo, eu quero a cabeça dele. Não o perdorei pelo o que ele causou a minha aldeia e a minha vida.

– Eu pensei que a aldeia fosse do nosso faraó e do Egito, meu sacerdote! – O general olhou para o sacerdote com certo ar de desconfiança por sua competência.

– Eu estava me referindo justamente a isso, general. A aldeia logo voltará ao nosso controle e o Egito continuará a ser o maior império do mundo.

A travessia dos aldeões no deserto de Shur começara. A peregrinação em terras selvagens além do Delta do Nilo.

Dias difíceis viriam, mas a determinação daquele povo de não aceitar a escravidão, lhe daria forças para enfrentar as adversidades do deserto.

Num acampamento durante o trajeto, Luan e Hanna conversavam, com um jeito terno e apaixonado, em uma duna, numa linda noite de terra seca, sob o manto do Universo.

– É improvável que não haja um arquiteto divino para desenhar, animar e guiar a vida, esse misterioso quadro em movimento...

– Todos os faraós do Egito construíram templos para se comunicarem com esse artífice, meu querido.

– Talvez não saibam que essa comunicação pode ser encontrada no mais simples gesto de amor. – Um grande Profeta disse: “O Reino de Deus está dentro de você e à sua volta, não em mansões de madeira e de pedra. Rache uma lasca de madeira e estarei lá, levante uma pedra e vai me encontrar”.

– Você acredita que possamos voltar em vidas futuras depois da morte, assim como acreditam os egípcios e o seu povo, Luan?

– Outro sábio do Oriente dizia que “a vida se estende por todo o Universo, desde o passado sem limites até o eterno futuro”. – Respondeu seu amado.

– E as pessoas nasceriam da mesma forma como vieram de outras vidas?

– Os hindus ensinaram-me que a lei de causa e efeito leva ao carma, que é a soma de todas as coisas que fizemos

em nossas existências. A manifestação do carma depende da circunstância. Assim uma pessoa pode viver muitas vidas até alcançar a plena compreensão.

– Então essas pessoas poderiam se transformar para melhor. – Completou Hanna.

– Meu amor, no Oriente a flor do lótus nasce da lama, do lodo do pântano e transmuta-se em néctar.

– Por isso você se preocupa tanto com o bem da humanidade.

– Escute o som interior, Hanna. Ele lhe diz que a vida de cada pessoa merece o maior respeito. Não importa a sua aparência no momento.

– Sabe, meu querido Luan. Minha maior felicidade é tê-lo encontrado no meio de suas viagens.

– A minha é tê-la reencontrado no nosso sagrado destino.

– Estou ansiosa para chegarmos à Grande Ilha do Ocidente. Quero formar uma família com você.

– Encontraremos algumas dificuldades. Como a flor do lótus na lama, você não terá o luxo do seu palácio.

– Não me importa o luxo e sim a bênção de nossas conquistas. Quero construir um lugar que não ostente a riqueza extraída do sacrifício alheio.

Temos a força necessária para enfrentarmos as dificuldades e alcançar a abundância. Tenho o seu amor.. você, o meu.

A música celeste soou pelos ares. Eles beijaram-se enquanto o manto cintilante do Universo desprendia-se em pétalas de estrelas, brindando aquele momento...

Mãos nas mãos. Olhos nos olhos. Beijos, abraços. Carícias cada vez mais ousadas e excitantes. Dedos deslizavam na pele com delicadeza. Os corpos encontraram-se e fundiram-se com o prazer de permitir, sentir e satisfazer o desejo que os incendiava. Sem ansiedades, nem receios. Num amor tântrico, delicadamente, lento, como se dançassem a música do Universo. Tocando o corpo do seu amado com carinho, sentindo a alegria de seus beijos, sem pressa para nada. Em eternos segundos

de trocas e doações, num estado de êxtase iluminado, unidos profundamente como uma única pessoa.

Era um amor infinito... Desses que levam para outras dimensões. Eles se olhavam com olhares que não se encontram em toda gente. Com melodia, ritmo, harmonia e expressão. Embebidos de eternidade, eles se beijaram... e se amaram... e nunca mais passou o tempo.

No acampamento do exército egípcio, após algumas visões, Diab se preparava para interferir nos planos do casal. O seu ódio crescia proporcionalmente ao amor de Luan e Hanna.

E a feiticeira movia a sua magia. – Meu Sacerdote, acabo de ter uma visão. Eles estão entrando no deserto de Shur, deixaram a fronteira do Delta do Nilo.

– Pois de manhã, antes do sol sair por completo, iremos iniciar a caçada, Diab.

O General que observava um mapa, falou então – Eles estão se dirigindo para as cidades fenícias e vão em direção ao Mar Morto.

– Vamos buscá-los onde estiverem – disse o Sacerdote.

As tropas do faraó marcharam em direção ao Shur. Seguiram quais sombras os aldeões.

Tempestades de areia e a escassez de água na selvagem região desértica dificultavam, cada vez mais, a viagem dos refugiados a Biblos.

Luan e Hanna não se deixavam abalar. Incansáveis, pareciam obstinados a levarem aquele povo a sua redenção.

Luan, já havia feito essa rota em suas viagens. Sabia que em breve estaria chegando no misterioso Mar Morto e depois margeariam o rio Jordão em direção a Biblos. E era naquele mar de sal que chegaria a oportunidade favorável. Os beduínos sabiam das propriedades estranhas que exerciam aquelas águas. Em muitas partes desse mar desprendiam-se gases venenosos. Os árabes diziam que “havia muitos lugares que nenhuma ave conseguia voar até a outra margem. Ao sobrevoá-lo, as aves se precipitavam subitamente na água, mortas”. – Sabiam também que o índice de salinidade era imenso, que não deixavam viver moluscos, peixes, algas ou corais. Ali não havia possibilidade de

um homem se afogar, pois seus corpos boiariam. Há oitocentos metros abaixo da superfície do mediterrâneo, a grande vala na terra conduz o Mar Morto, Nenhuma outra parte não submersa da terra fica abaixo de cem metros do nível do mar.

Mas Luan conhecia uma parte do Mar Morto que era possível à travessia, onde os gases venenosos faziam fronteira com o ar puro em dias de total calma. Caminho ensinado por um ancião de nome Salém, um mestre beduíno, que conhecera em suas viagens no deserto.

Luan montou acampamento à margem do oceano e pediu que todos os aldeões buscassem o silêncio e fizessem suas orações à energia divina para lhes conceber luz para a ponte da liberdade.

Esperou a hora certa. Os soldados chegavam ao acampamento em marcha de ataque. No exato momento, Luan pediu que Hanna conduzisse os aldeões a outra margem do Mar Morto, pelo caminho indicado por Salém.

Era a hora de enfrentar o seu oposto, de começar a juntar as peças do quebra-cabeça que lhe trouxera de outros tempos para retomar o seu destino.

O beduíno observava de um esconderijo junto aos rochedos, a perseguição dos soldados do Egito, que juntamente com o sacerdote e Diab, chegaram à margem do oceano.

Os soldados, sob a ordem do general, e não sabendo dos segredos de Salém, começaram a entrar desordenadamente no mar. Os homens, sob uma fina camada de sal deixada pelas misteriosas águas, ficaram totalmente brancos. O ar expelido pela margem venenosa do mar começou a desfalecer muitos soldados, que fizeram bater em retirada ao restante da tropa.

Assustados com o fenômeno, e místicos como eram os egípcios, fez também o general e o sacerdote abandonarem a perseguição, achando ser um aviso de seus deuses.

Salém, um dos guardiões da Árvore da Vida e do conhecimento, havia ensinado Luan, um de seus aprendizes, os segredos do deserto, as práticas dos alquimistas e da transmutação.

Ele agora estaria frente a frente com o oposto. O confronto seria inevitável. A batalha do amor com a desarmonia.

Diab sabia que Luan a esperava. Preparada para o momento, ela colocou sua máscara de lobo e invocou a escuridão da maldade.

O sol desmaiava na região pantanosa de águas salgadas. Nos olhos e na voz, sob o eco do passado. Luan e Diab se reencontraram.

– Eu já lhe esperava!

– Suas habilidades me fascinam, guerreiro.

– Você tentou quebrar o elo do amor.

– Você será mais feliz ao meu lado.

– Suas sombras não transformarão meu céu de luz. Seu nome é maldade.

– Essa é a oportunidade de selarmos nossas almas na harmonia dos contrários. Nosso poder será imenso.

– Suas fontes de energia não comungam com as minhas.

Diab enfurecida com a rejeição de Luan, usou uma vareta divinatória, radiestésica, usada por magos há milhares de anos. E num clarão, colocou Luan sob hipnose e o fez rever, no reflexo das águas do Mar Morto, a crueldade que ela causou a Hanna e a ele, por séculos. – Imobilizado, Luan vê-se junto aos aldeões chegarem a Biblos e tomarem as caravelas em direção a Grande Ilha. – Vê Diab conversando com Hanna, afirmando a morte de seu amado na travessia do Mar Morto. – Hanna desesperada e enganada com a morte de seu amado, corre até o píer, no porto oval de Biblos, avistando as caravelas ao longe, em plena tempestade, levando os aldeões à nova terra.

Era nítida a visão projetada nas águas. – Hanna caminhara sem rumo pela praia, por algumas horas, onde encontrou a tenda da cigana Tarah. As lágrimas cantavam sua dor. E na tentativa de confortá-la, a cigana olhou-a firmemente e disse-lhe: – Sua vida se reparte como uma promessa não cumprida. Como se Elat, a deusa do mar, em prova a colocasse. Seu amante parte, e o amor que a você foi revelado, nem por pouco, nem por tudo esquecerá... Jamais! O tempo revelará em dias ou meses, quiçá anos ou séculos... Esse grande amor. E só tornará a tê-lo se o amar como a própria vida.

Luan vê sua amada retornar ao Egito. E no Vale dos Reis, entregar sua vida ao destino, para encontrar seu amor na eternidade.

Ainda sob a magia da mentira, Diab fez Luan vê-lo, desesperado partindo com as caravelas fenícias em direção à terra prometida, sem coragem e sem rumo.

Demonstrando cansaço e fraqueza no confronto mental, Luan não conseguia se livrar do feitiço oposto. Mas lembrou-se dos ensinamentos de Salém, que lhe dizia para repetir, apenas, a simples palavra como mantra, quando precisasse retomar a concentração e recarregar-se da fonte cósmica. Então sua alma lhe devolveria a força.

– Vida...

Vida.Vida. Vida. Vida!

Luan retomou sua consciência. E na reação de um novo ataque, Diab transformara-se em besta fera. Agora o confronto seria de vida e morte. O beduíno empunhou a adaga que carregava e tentou atingir a besta, enquanto as garras da maldade cravaram-se no seu corpo, num golpe frio e fatal. Diab sorria, enquanto Luan sangrava. Em sua face retratava o prazer do mal, da cobiça, da inveja e da ira, comemorando a sua vitória.

Mas Luan, quase sem vida, buscou forças na luz de seu amor. Invocou emanções do poder Divino e começou a repetir textos alquímicos para livrar-se de vez da força maligna.

– “Saber, ousar, querer, calar-se. – São os quatro verbos cabalísticos do tetragrama e as quatro formas hieroglíficas da

esfinge. – Saber é a cabeça humana; ousar são as garras do leão; querer são as ilhargas laboriosas do touro; calar são as asas místicas da águia... – A dignidade do homem consiste em fazer o que quer e querer o bem, em conformidade com a ciência do verdadeiro.

– O bem conforme o verdadeiro é o justo. A justiça é a prática da razão. A razão é o verbo da realidade. A realidade é a ciência da verdade". – E tudo está consumado!

Neste instante, Luan cravou sua adaga no peito da besta, Diab, começou a deformar-se numa sinistra criatura. "E se elevavam da terra cinzas inflamadas, como o fumo de uma fornalha". Nessa hora, Luan viu a face do lobo transformar-se na face de Sorrah e depois se consumir pela chama.

Tomando de volta os seus sentidos, o beduíno olhou para o anel, a ANK, e voltou a orar a simples palavra. Luan ascensionou e transmutou-se para o templo no Vale dos Reis, onde Hanna preparava-se para o ritual da morte. Mas no momento exato, Luan impediu que Hanna atravessasse o punhal em seu peito.

Tomando-a em seus braços, beijaram-se na energia vital do encontro dos que se amam.

"O coração alegre aformoseia o rosto".

Milhares de anos depois... Um velho índio, descendente dos Tabajaras, conversava, pausadamente, com sua jovem aprendiz, na Pedra da Gávea.

– Então Luan e Hanna tomaram a embarcação fenícia e foram para Grande Ilha generosa do Ocidente, onde fundaram um lugar chamado Araketum, que numa língua nativa africana, significa: “Pedacinho do Céu”.

Construíram suas vidas nos princípios do amor e da harmonia, o âmago nascedouro das religiões. Depois de muitas gerações, também, vieram para a Grande Ilha: holandeses, portugueses, africanos, italianos, libaneses, alemães, chineses, japoneses..., que se espalharam e formaram a grande nação da miscigenação das raças.

As guerras continuaram no mundo e as injustiças também. Outros impérios se formariam e com o tempo, também, ruiriam.

Mas aquele povo jamais esqueceria Luan e Hanna e suas vidas de coragem e amor eterno.

- O amor é uma rosa no deserto.

O Velho entregou-lhe uma ânfora de cor âmbar, que possuía no dorso, duas imagens pintadas à mão: um homem beijando sua amada e a ANK, a chave da vida.

O mestre levantou-se e antes de sumir no coração da gruta, a jovem perguntou.

– Mestre!...Qual o seu nome?

– Meu nome? Pode me chamar de... Tupi, Badezir... ou Salém. Sou quem você quiser me chamar.

A música e a literatura fazem parte da minha vida.

Cresci entre acordes e palavras. A literatura veio de meu pai Oscar Costa de Souza, um agricultor, um poeta, um mestre.

Com meus irmãos, compartilhei a descoberta do som, onde aprendi a produzir sínteses de sentimentos.

Minha casa era um palco e eu não sabia.

Aos dezessete anos, resolvi trocar o sonho da medicina pela evocação da arte.

Hoje tenho a consciência de que a arte provoca curas.

E sigo traduzindo intuições e mensagens, buscando remediar minha alma e doar minha contribuição para a reforma íntima do planeta.

ROGÉRIO SOARES

Mesa Diretora 2015-2016

Deputado José Albuquerque
Presidente

Deputado Tin Gomes
1º Vice-Presidente

Deputado Dannel Oliveira
2º Vice-Presidente

Deputado Sérgio Aguiar
1º Secretário

Deputado Manoel Duca
2º Secretário

Deputado João Jaime
3º Secretário

Deputado Joaquim Noronha
4º Secretário



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ

Inesp

Júlia Neide Pinheiro Nogueira

Presidente

Gráfica do Inesp

Ernandes do Carmo

Coordenador

Cleomarcio Alves (Marcio), Francisco de Moura,

Hadson França e João Alfredo

Equipe Gráfica

Aurenir Lopes e Tiago Casal

Equipe de Produção Braille

Carol Molfese e Mário Giffoni

Equipe de Diagramação

José Gotardo Filho e Valdemice Costa (Valdo)

Equipe de Design Gráfico

Lúcia Maria Jacó Rocha e Vânia Monteiro Soares Rios

Equipe de Revisão

Site: www.al.ce.gov.br/inesp

E-mail: inesp@al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-3701

Fax: (85) 3277-3707



Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

Av. Desembargador Moreira 2807,

Dionísio Torres, CEP 60170-900, Fortaleza, Ceará,

Site: www.al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-2500